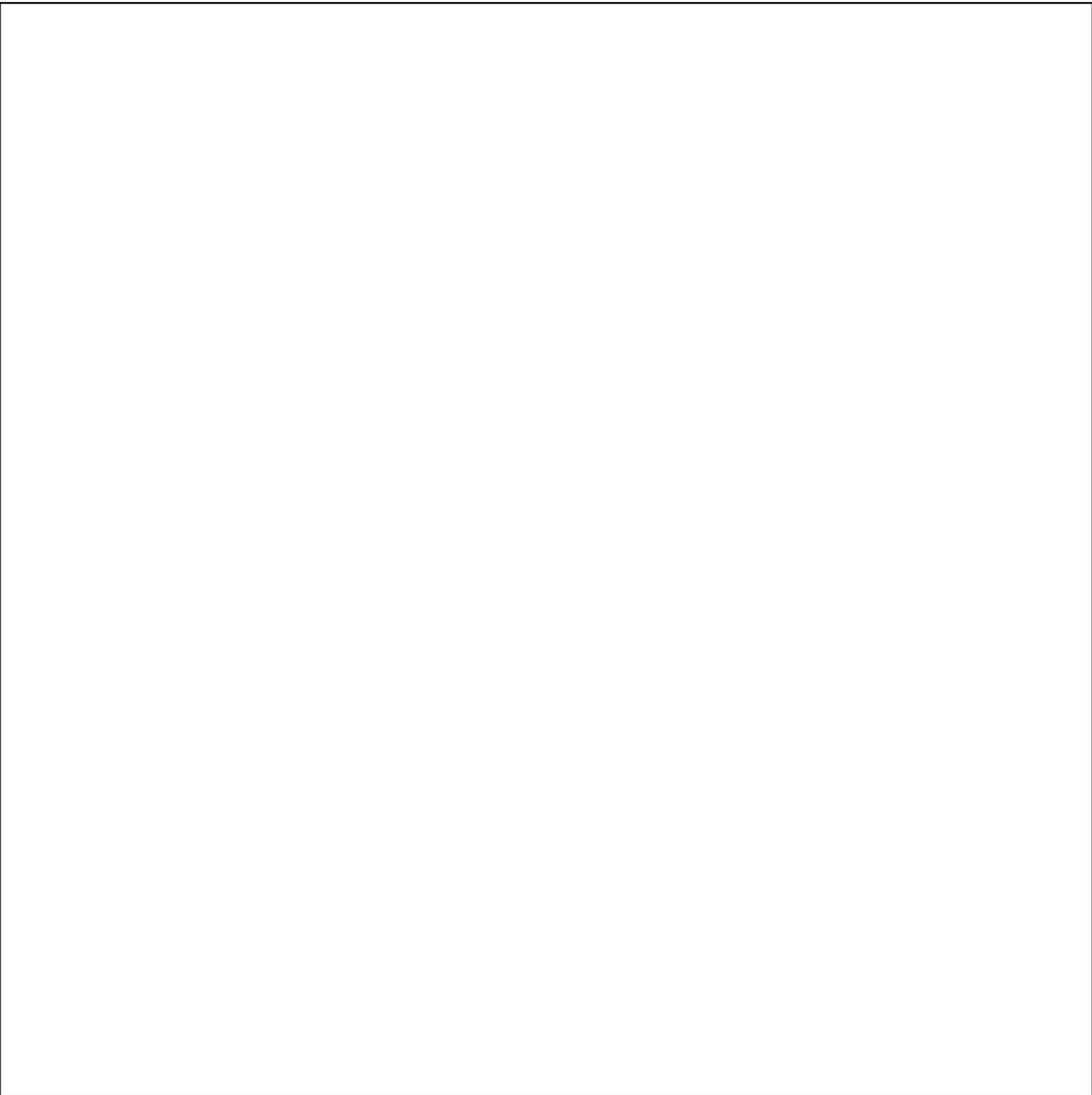


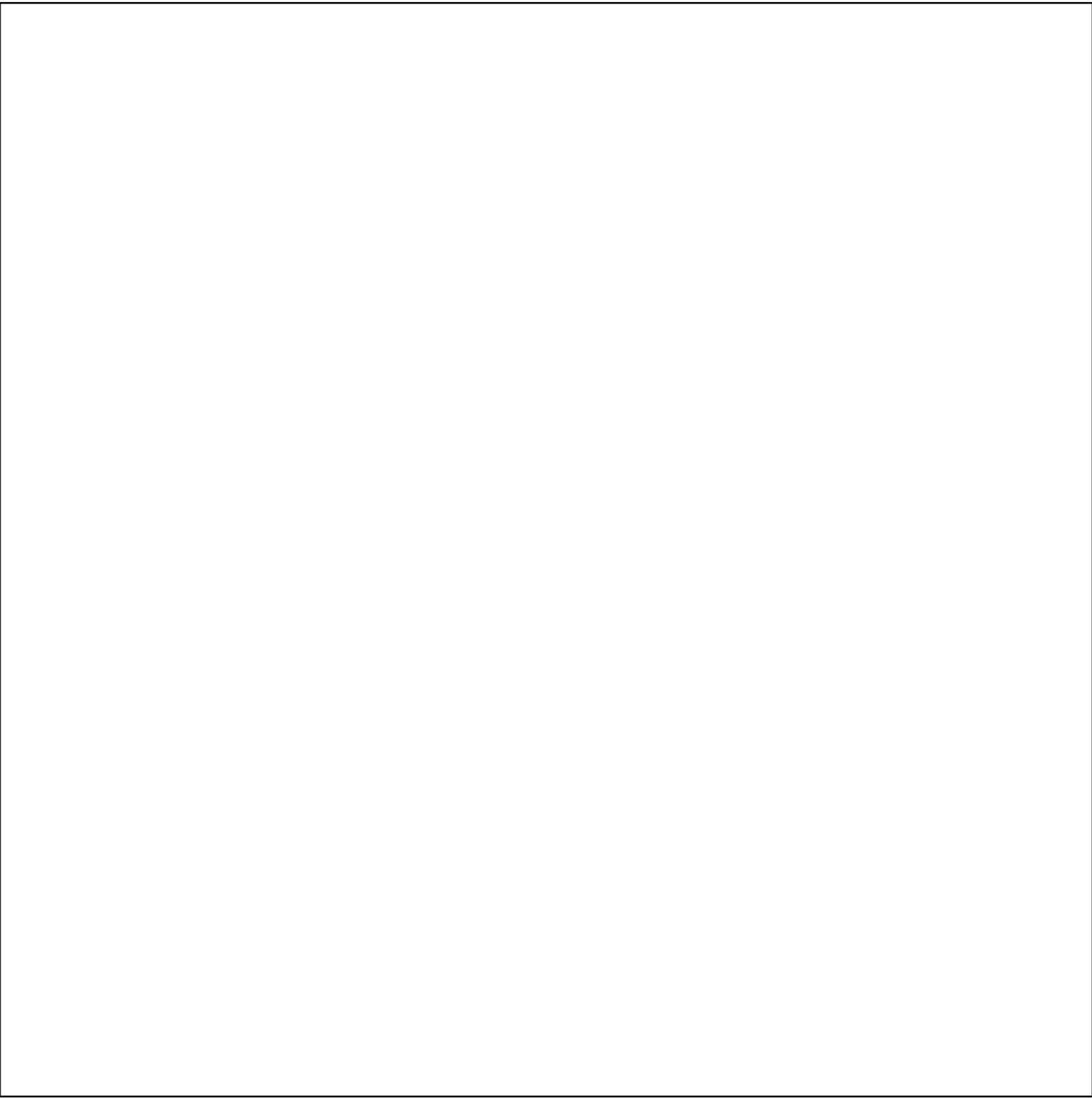
projecto final

■ ISCTE-IUL ■ instituto universitário de lisboa ■ **carlos eduardo correia vala** ■ 2009/10 ■ 25432 ■

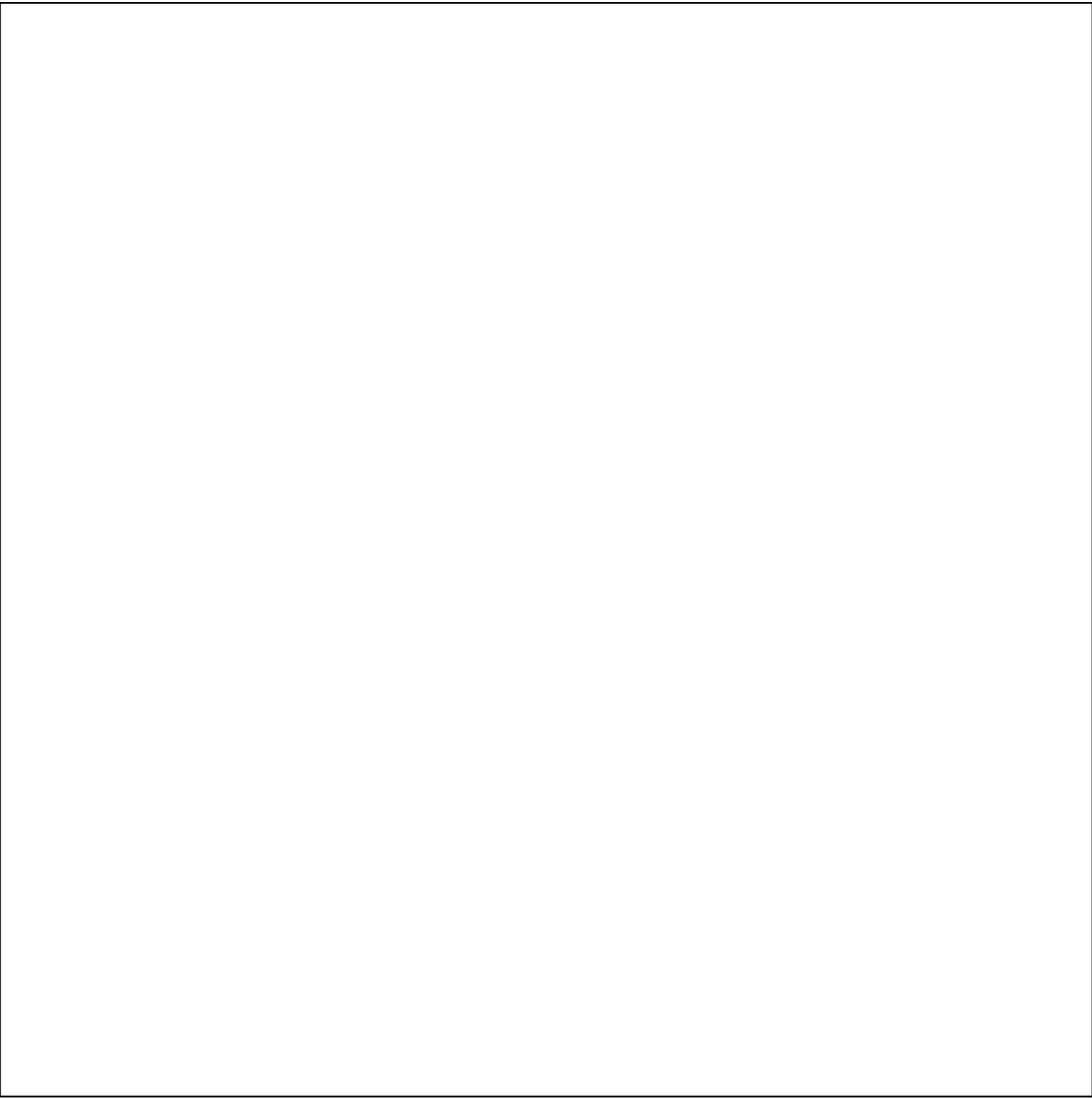


vertente teórica .

■ Orientador ■ **Doutor Vasco Moreira Rato**, Professor Auxiliar ■



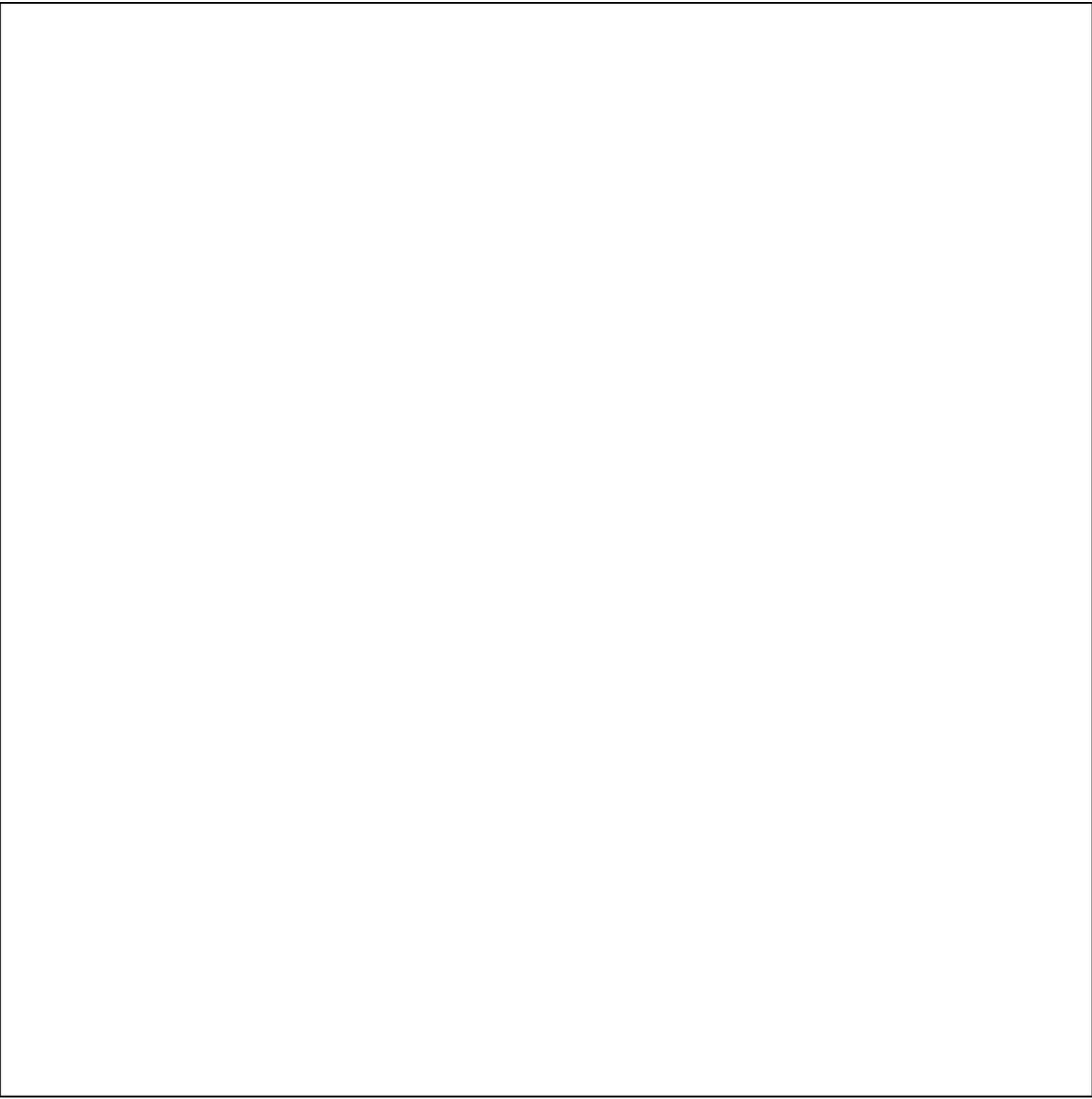
Reabilitação na periferia



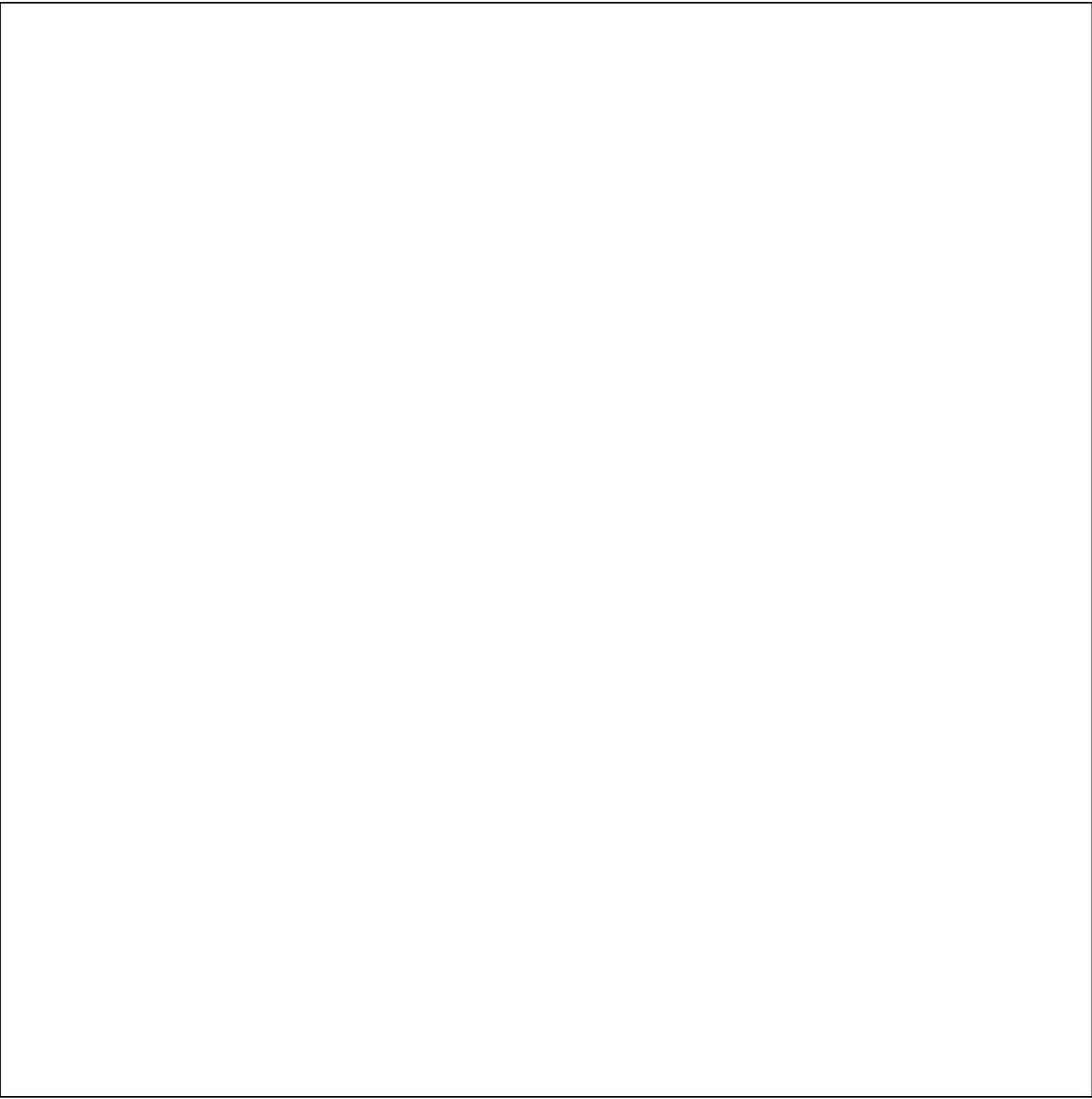
vertente projectual .

■ Orientador ■ **Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto**, Professor Auxiliar ■

■ Co-orientador ■ **Arquitecta Ana Lúcia Rosado Silva Barbosa**, Assistente Convidada ■



▪ **programa** ▪



O tema central abordado neste ano lectivo, considerando a proposta da II Trienal de Arquitectura de Lisboa, incide na Transformação das áreas urbanas da Periferia da cidade de Lisboa. Nessa transformação integram-se três dimensões essenciais como a habitação, a sustentabilidade e as mutações. No domínio da habitação, pretende-se que haja uma reflexão sobre a flexibilidade programática, como a habitação pode propor diferentes e novos modos de vida e de que forma poderá contribuir para a reabilitação do espaço público. Em relação à sustentabilidade, procura-se averiguar, de que forma esta questão pode influenciar no desenvolvimento do projecto, e assim constituir-se como um tema determinante para a transformação destas áreas. Relativamente às mutações, é sugerido um olhar atento às dinâmicas da cidade actual, reflectindo sobre o modo como a arquitectura pode integrar o processo transformador.

Na vertente projectual, a área de intervenção, localiza-se no concelho da Amadora, designada pela carta de ordenamento do PDM como UOP04 e engloba as freguesias da Damaia, Reboleira e Buraca, sendo inserido dentro desse limite, o bairro do Alto da Cova da Moura, objecto central do debate proposto pela II Trienal de Arquitectura de Lisboa às escolas de arquitectura.

Sinteticamente, procura-se uma regeneração da área referida, seguindo um processo de inclusão, focando-se no domínio da habitação, explorando a sua capacidade de organizar o modo de vida das populações e dessa forma potenciar uma maior interacção e integração das diferentes culturas que partilham o mesmo espaço.

Neste sentido são propostos três exercícios: um trabalho de grupo que pressupõe uma análise do território em questão onde se toma conhecimento da área de intervenção a uma escala global, seguida da elaboração de um plano estratégico; um trabalho individual

que engloba o projecto de habitações no território exterior à Cova da Moura; e um terceiro projecto já dentro da Cova da Moura, de um mercado multicultural, com enfoque na regeneração a nível infra-estrutural e de espaço público.

Neste sentido são propostos três exercícios: um trabalho de grupo que pressupõe uma análise do território em questão onde se toma conhecimento da área de intervenção a uma escala global, seguida da elaboração de um plano estratégico; um trabalho individual que engloba o projecto de habitações no território exterior à Cova da Moura; e um terceiro projecto já dentro da Cova da Moura, de um mercado multicultural, com enfoque na regeneração a nível infra-estrutural e de espaço público.

■ **análise** ■ amadora ■



Até meados do século XIX, o território do Município da Amadora era marcadamente rural, assente essencialmente em três núcleos: Porcalhota, Carenque e A-da-Beja, sendo os restantes espaços da Amadora ocupados por quintas agrícolas, pardieiros, hortas e por uma série de casarios. Parte destas ocupações ladeavam linearmente o principal acesso á cidade de Lisboa: a Estrada de Benfica,

A inauguração da linha de caminho-de-ferro para Sintra, em 1887, veio provocar uma ruptura nesta estrutura, assistindo-se deste modo ao rápido desenvolvimento de vários núcleos próximos da linha nomeadamente: Alto de Maduro, Porcalhota e Venteira.

Na década de 30 do século XX, dá-se o primeiro passo reunindo condições para a ocupação suburbana do futuro Parque Industrial da Venda Nova, com instalação da primeira unidade fabril Borrachas Industriais, S.A..

Até ao final da década de 40 a população duplica e a Amadora expande-se ao longo do troço Benfica-Amadora-Queluz - desenvolvimento urbano sustentado pela Estrada de Benfica e, continuamente, pela Avenida Elias Garcia - consolidando-se os núcleos da Venda Nova, Damaia e Buraca. Nesta época, inicia-se também uma primeira fase de ocupação da Falagueira e da Mina. O reforço do Parque Industrial da Venda Nova, a electrificação da linha férrea em 1957 e o crescimento populacional na ordem dos 150%, fez com que a ocupação urbana nas zonas limítrofes (da linha e do Parque Industrial) se desenvolvesse fortemente e esta tomasse um novo rosto: em vez de vivendas surgem os prédios de 3 ou 4 pisos. A Amadora torna-se numa zona densamente povoada, mas sempre dependente da capital, funcionando como cidade-satélite.

Nos anos 60, este crescimento galopante e desordenado exige uma intervenção. Surge então o Plano de Urbanização da Freguesia da Amadora, elaborado pelo Arquitecto

Aguiar, que evidenciou a interdependência com Lisboa através do melhoramento de acessos e grandes vias de atravessamento. Começaram a construir-se prédios de 4 a 7 pisos e, mais tarde, nos anos 70 dá-se a permissão da construção de 10 pisos, em prol da necessidade de alojamento no concelho. Contudo, esta medida não foi suficiente para travar o surgimento de bairros clandestinos: Brandoa, Casal da Mira e Moinho da Funcheira, Cova da Moura e Quinta da Laje.

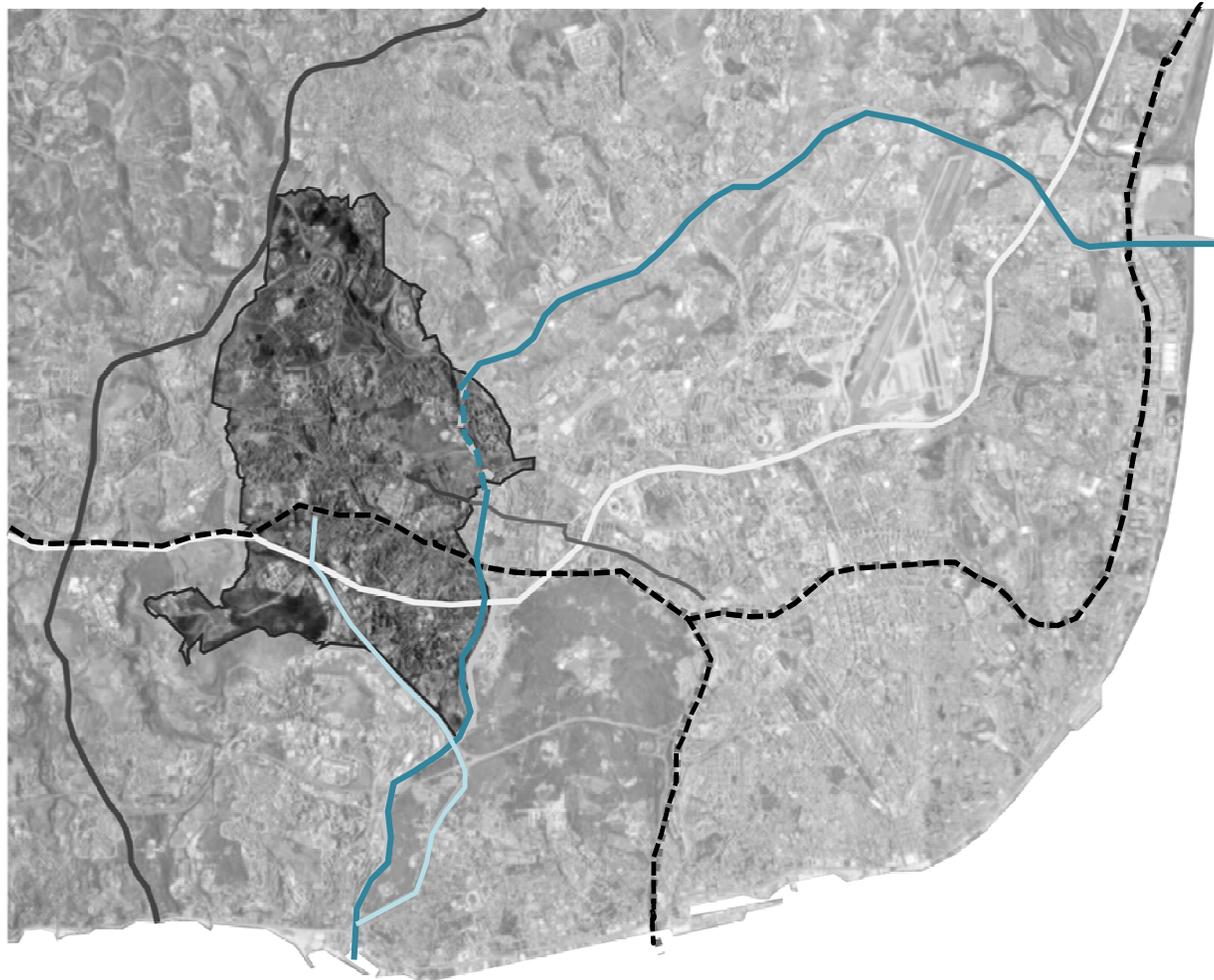
Com a ocupação urbana em Alfragide e ao longo da EN 117, os núcleos populacionais autonomizam-se em relação à linha do caminho-de-ferro. É construída a radial da Buraca (já prevista no Plano Aguiar – 1967), Na década de 80, iniciam-se recuperações de zonas clandestinas mas, assiste-se também, à construção de novos núcleos populacionais no Borel e em Alfragide, para habitantes que, na maioria, trabalham em Lisboa e se deslocam de carro para a cidade.

Nos anos 90, inicia-se uma nova fase da ocupação urbana. Constroem-se bairros como o Zambujal (Buraca) para alojar populações economicamente desfavorecidas e consolidam-se outros, como é o caso do Casal de São Brás e Alfragide.

Até à década de 90, o grande motor de desenvolvimento urbano era a linha ferroviária enquanto que, a rodovia funcionava como estrutura base de articulação da cidade. Porém, esta sofre uma transformação, tornando-se as estradas nacionais em vias rápidas com separador central como é exemplo a IC19, que acabou por estrangular a malha urbana existente impedindo as ligações Norte-Sul.

O Parque Industrial da Venda Nova foi amplamente reduzido e surge uma nova Zona Industrial e de Serviços de Alfragide com presença de importantes empresas. Assim, a linearidade característica do eixo Venda Nova - Bairro do Bosque e Venteira - Bairro de Janeiro, no fundo a Rua Elias Garcia, vai-se estendendo a outros espaços como a Reboleira, Damaia, São Brás e Brandoa, tornando-se este município, à excepção do Núcleo rural de A-da-Beja e do Núcleo Rural da Falagueira, marcadamente urbano.

Hoje em dia, verifica-se, ao longo da CRIL e CREL, a instalação de grandes áreas comerciais como, por exemplo, IKEA ou DECATHLON que servem toda a Área Metropolitana de Lisboa. Deste modo, afirma-se que o crescimento da Amadora está directamente relacionado com a ligação a Lisboa, destacando-se as infra-estruturas de ligação como a linha ferroviária suburbana (linha de Sintra), a Estrada de Benfica/Av. Elias Garcia, a Estrada Nacional (EN117), o IC19 que faz ligação a Sintra, a CRIL / IC17 (ainda inacabada) e a CREL.

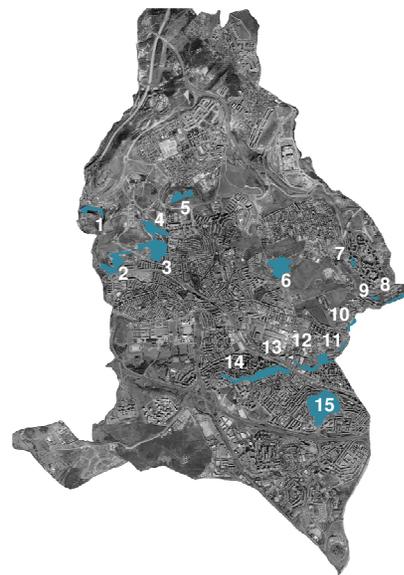


-  IC 19
-  CRIL / IC 17
-  CREL
-  Estrada de Benfica | Av. Elias Garcia
-  N 117
-  Linha ferroviária suburbana (linha de Sintra)

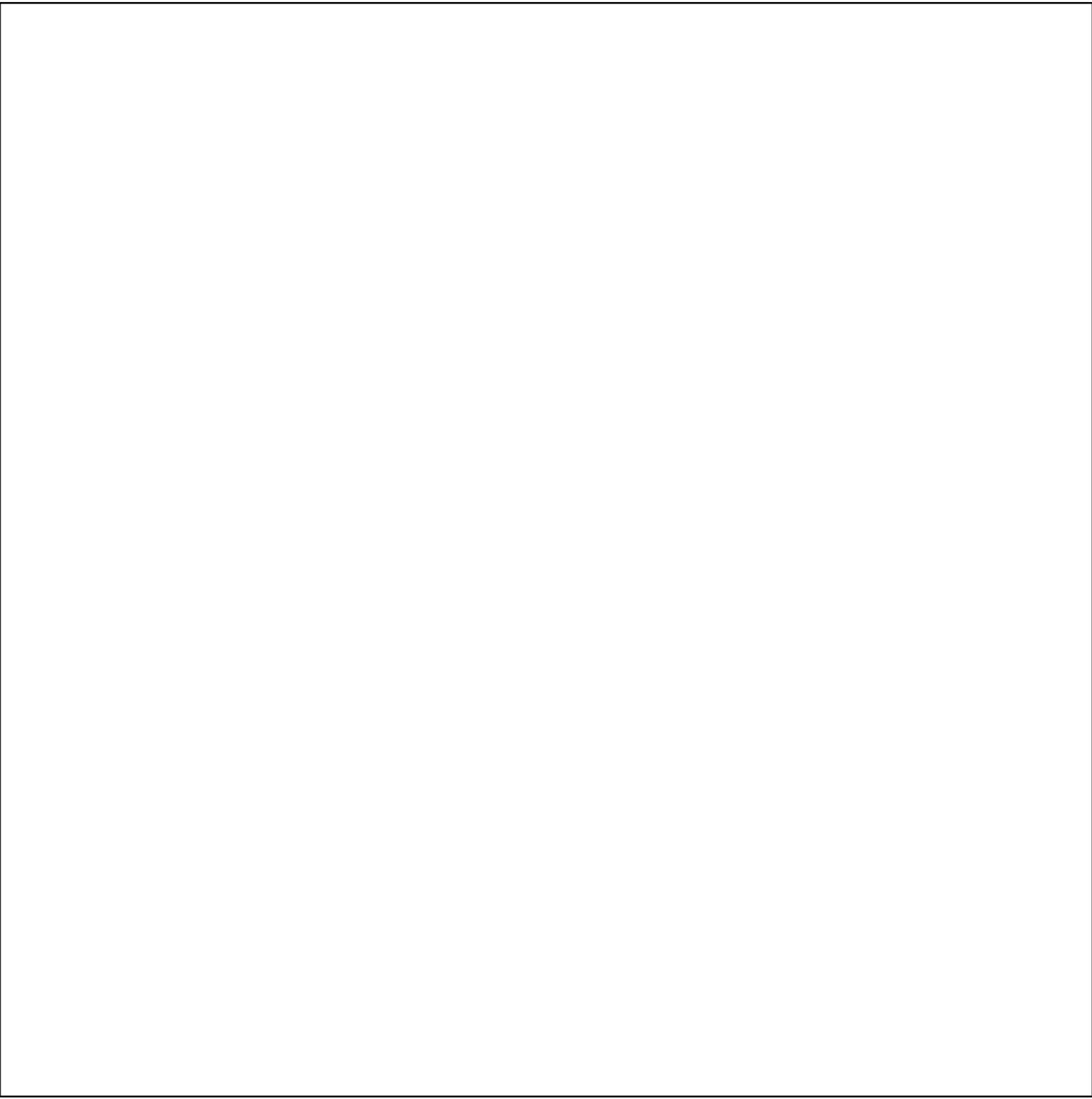
O concelho da Amadora é caracterizado por uma fixação relativamente acentuada de muitos imigrantes - maioritariamente população de origem africana das ex-colónias - em bairros considerados problemáticos, onde se enquadra o Bairro Alto da Cova da Moura.

Uma das razões que explica esta situação é, o facto de, o acesso ao alojamento ser uma das primeiras necessidades desta população imigrante. Este grande problema que enfrentam, aliado à precaridade na inserção do trabalho, não deixa alternativa à sua fixação em bairros onde há um défice de condições de habitabilidade. Dificuldades estas que levam à confrontação com um pragmatismo de sobrevivência, onde a necessidade de obtenção de lucro a qualquer custo, gera modos de vida e actividades ilegais, aos quais muitos destes bairros estão associados.

Todos estes factores acentuam a fragmentação social destas populações , atingindo grupos cada vez mais alargados, contribuindo para a proliferação deste tipo de bairros pelo município da Amadora.



- 1 - Quinta do Pomar
- 2 - Estrada Militar da Mina
- 3 - Santa Filomena
- 4 - Encosta Nascente
- 5 - Serra Pequena
- 6 - Quinta da Lage
- 7 - Casal de Alfovelos
- 8 - Bairro Novo
- 9 - Estrada dos Salgados
- 10 - Bairro Azul/Alto dos Trigueiros
- 11 - Bairro Novo das Fontainhas
- 12 - Bairro 6 de Maio
- 13 - Estrela de África
- 14 - Alto da Damaia
- 15 - Cova da Moura



■ **análise** ■ bairro alto da cova da moura ■



Pode dizer-se que o bairro teve a sua origem a 25 de Abril de 1974, com a vinda dos retornados das ex-colónias portuguesas, que ali encontraram um espaço de acolhimento. Até então, o bairro – a antiga Quinta do Outeiro - não era mais do que uma terra de cultivo de trigo e mais tarde de hortas, com algumas construções que serviam de habitação aos trabalhadores ou de apoio à actividade agrícola. Na extremidade sul existia uma vacaria e na extremidade norte uma pedreira, junto da qual habitava a família Moura. Tudo leva a crer que o nome de Alto da Cova da Moura tem origem na ligação entre o morro (alto), o buraco que existia na pedreira (cova) situada no nordeste do Bairro e na família Moura.

O bairro situa-se num terreno com um declive acentuado ,apresentando um tecido urbano de alta densidade de construção, resultante da progressiva instalação dos seus habitantes e da sucessiva consolidação das estruturas urbanas. Os edifícios que compõem essa estrutura são de pequena escala e revelam por seu lado o processo espontâneo de auto-construção envolvido, verificando-se a predominância de casas de estrutura simples que nunca chegam a atingir grande envergadura. Dentro da aparente massa relativamente uniforme, ainda assim verificam-se diferenças, no lado sul há uma maior concentração de africanos, com ruas estreitas, becos, barracas e anexos de construção precária, resultando assim num traçado tortuoso e denso, que espelham uma sobre-ocupação do espaço – factores potenciadores de um convívio social intenso no espaço público; a norte, onde predominam sobretudo portugueses e ex-colonos, o padrão ortogonal de quarteirões e um maior número de ruas pavimentadas, com a inclusão pontual de pequenos jardins, caracterizam uma zona mais organizada. Apesar de se verificarem ligeiras divergências ainda dentro da Cova da Moura, de uma forma geral, o contraste do bairro com a envolvente próxima é gritante. Num contexto dominado por edifícios banais, pautados pela repetição, típicos destas áreas periféricas, o bairro da Cova da Moura, apresenta-se como uma

espécie de ilha, com um limite que é percebido claramente, não só pelo distinto edificado, de menor escala, cada um diferente do outro, organizados de uma forma espontânea pouco ordenada, mas também pela situação topográfica em que se desenvolve que por seu lado oferece uma leitura unitária desta estrutura, ou seja, se o bairro se desenvolve-se com uma estrutura semelhante em terreno plano, a percepção seria sempre mais periférica dificultando a construção de uma imagem unitária da estrutura, dada a densidade da construção. Para além disso, a sua demarcação, é acentuada pela falta de uma ligação fluida e evidente com o tecido envolvente. Pelo contrário ao longo do perímetro limítrofe, uma série de barreiras físicas, sejam construções ou vias de circulação, acentuam e circunscrevem este bairro como se de alguma forma se trata-se de um espaço “à parte”, desconectado da rede de circulação da cidade, aspecto que se reflecte na ausência de uma linha de transportes públicos que cruze esta parte da cidade. A elevada densidade construída que foi ocupando gradualmente cada pedaço de chão disponível, acabou por resultar numa estrutura espacial pouco desafogada, carente de espaços amplos que sirvam como elementos de referência e de orientação. Neste contexto espaço público basicamente resume-se a ruas e becos que se articulam entre si de uma forma pouco clara e de uma leitura difícil para um estrangeiro. É este espaço que é apropriado pela população residente que o utiliza de uma forma espontânea, fazendo por exemplo churrascos e vendendo produtos à porta da entrada ou festejando com música e dança num movimento deambulatório que percorre as ruas sem que exista um ponto de encontro principal de referência como uma praça.

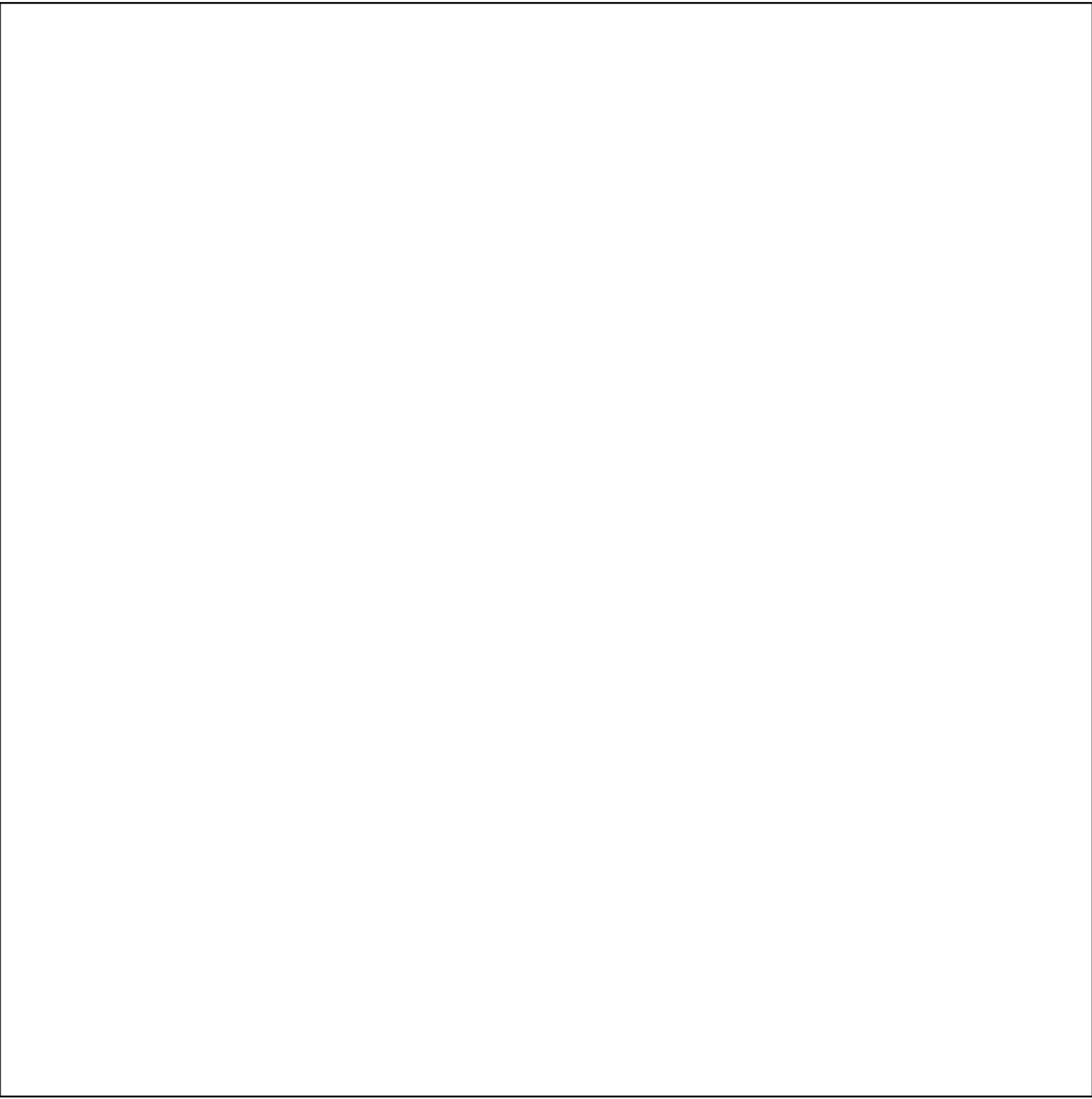
As diferenças entre o bairro e a envolvente revelam-se também no estilo de vida que encerra, e na relação entre os moradores que evidenciam um forte sentimento de pertença em relação ao espaço onde habitam. Esse bairrismo, é motivado por uma série de factores entre

os quais o facto do bairro ter sido construído pela própria população ao longo dos tempos praticamente sem ajuda externa, e pela luta constante pela sua preservação.

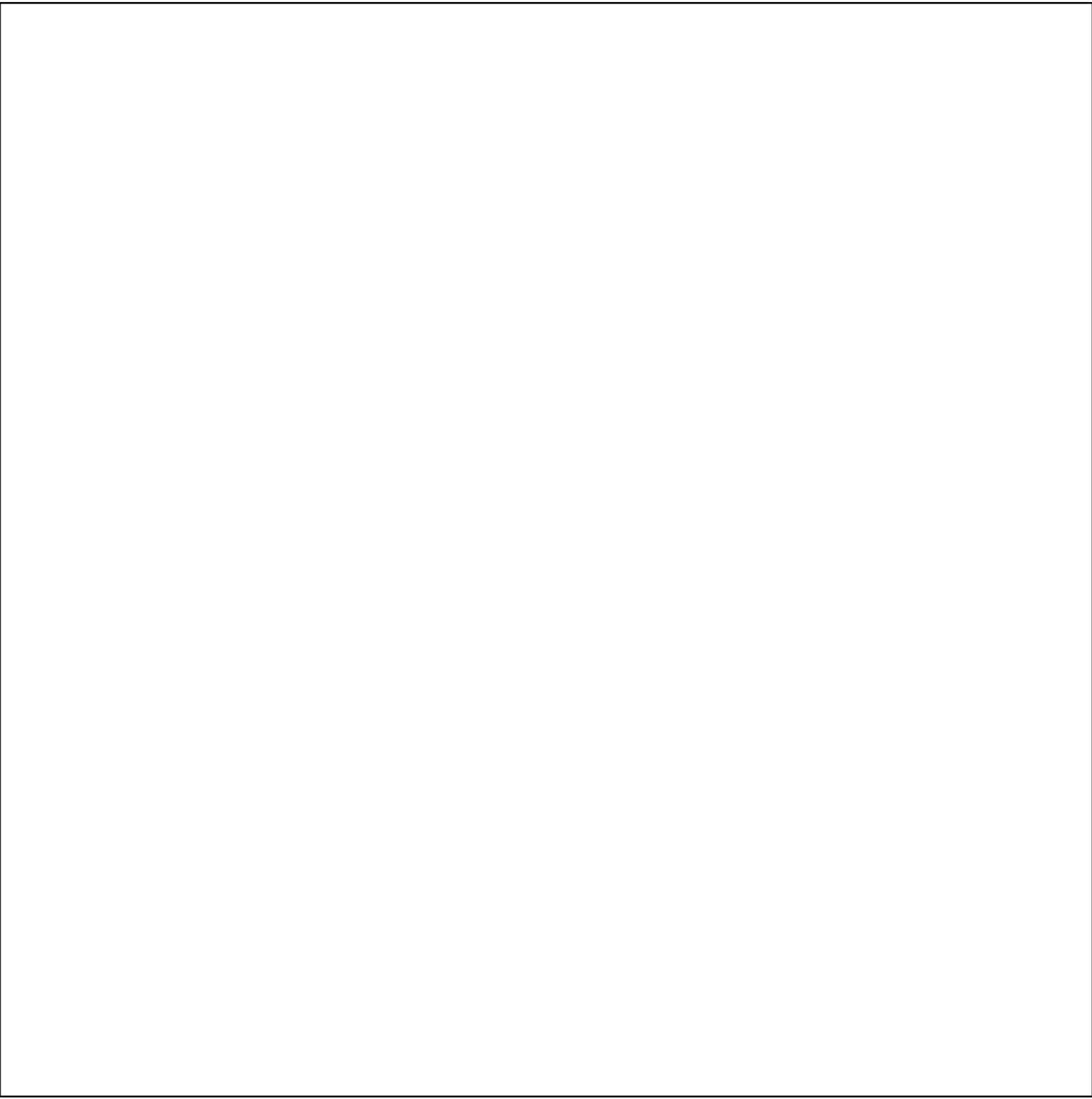
Toda uma estrutura comercial diversificada, com uma vasta oferta de produtos e serviços, juntamente com um sistema próprio de apoio comunitário e desenvolvimento cultural dinamizado essencialmente pela associação Moinho da Juventude, criam uma vida interna muito própria e de alguma forma autónoma.

A dimensão cultural acaba por ser uma das principais características do bairro, destacando-se os diferentes grupos de dança e de música, juntamente com diversos restaurantes de comida típica que se multiplicam pelo bairro, actividades e negócios que acabam por expressar a ligação forte da população às suas origens, na sua maioria, cabo-verdeana.

O lado menos positivo, mas que também acaba por contribuir fortemente para a caracterização do bairro consiste, na associação do bairro à criminalidade e actividades ilícitas. As notícias que vão sendo publicadas que relatam acontecimentos relativos a uma parte da população do bairro, acabam por criar uma imagem generalizadas aplicável a todo o bairro e a toda a população que nele habita, potenciando ainda mais a exclusão deste espaço que inevitavelmente não se torna apelativo para circular ou visitar livremente.



▪ **estratégia** ▪



A área de intervenção UOP04 é basicamente estrangulada por dois tipos de fenómeno. Um engloba a linha ferroviária e o IC19 que são infra-estruturas de transporte extensas que dividem o território e que são somente atravessáveis pontualmente, o outro, diz respeito aos bairros de origem clandestina que, tanto por razões sociais como físicas, criam barreiras no meio do tecido urbano, como no caso do Bairro Alto da Cova da Moura.

Como estratégia de grupo, propõe-se a criação de mais permeabilidade no tecido urbano, através da desobstrução de vários pontos fulcrais da malha.

A substituição da ponte pedonal existente por uma nova estrutura de maior dimensão, assim como, a reformulação do túnel acrescido de um acesso pedonal, permitiria uma ligação mais forte entre a zona a sul do IC 19 e a zona UOP04, unindo os espaços arborizados de cada um dos lados. Procura-se que este novo espaço unificado, para além de permitir a travessia, se torne num ponto comum a ambos os lados, dedicado ao desporto e lazer. Da mesma forma a remodelação ou substituição a estação existente, procura facilitar e melhorar a travessia para o lado norte da zona UOP04 através de um espaço mais atractivo intimamente relacionado com a área verde local.

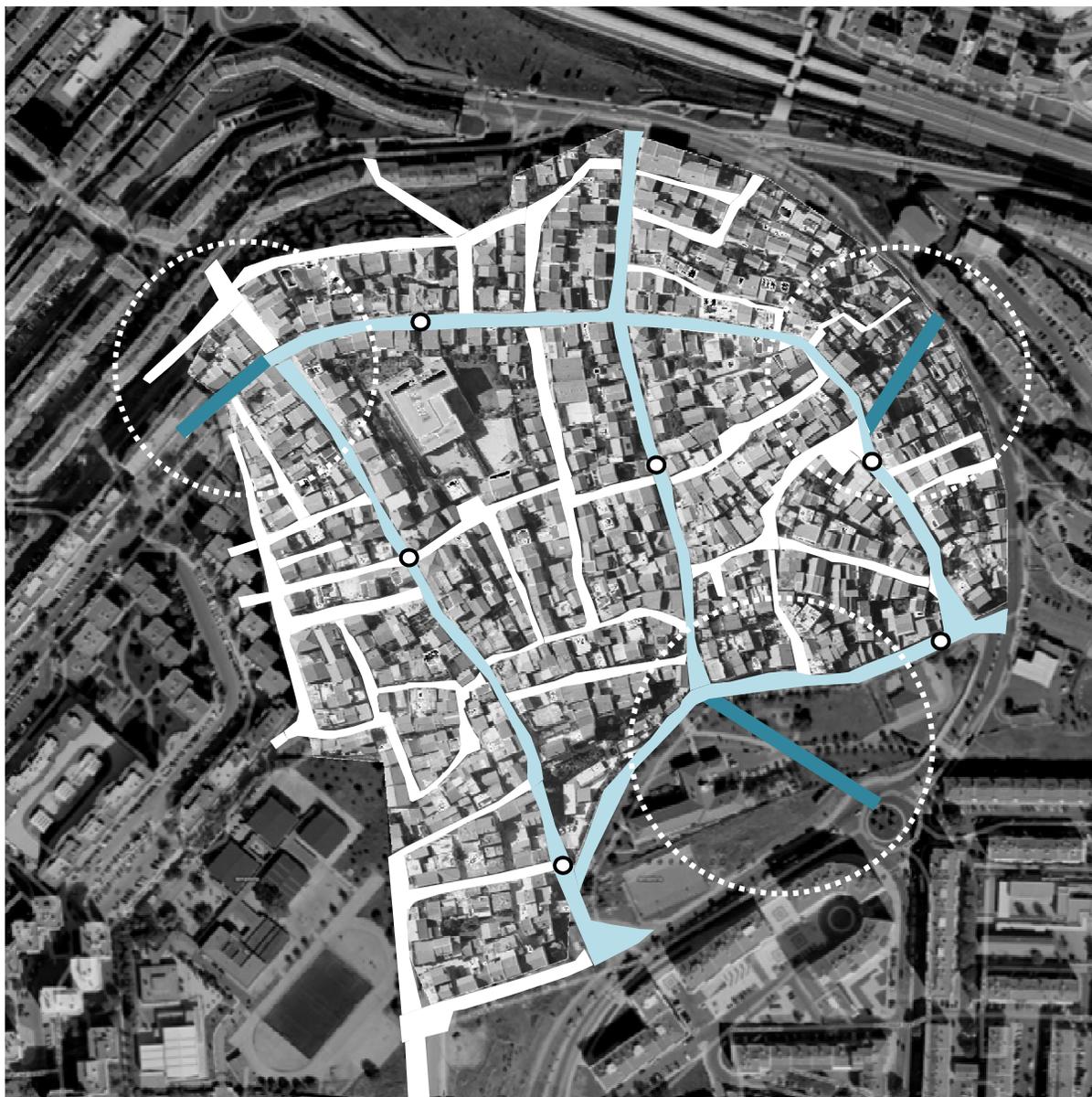
Relativamente à permeabilidade entre a zona UOP04 e o Bairro Alto da Cova da Moura nela inserido, pretende-se de igual forma a desobstrução de algumas vias conferindo uma continuidade entre a malha externa e o próprio bairro. Deste modo, é sugerida a demolição de algumas casas do bairro, assim como, criar uma nova via a sul, permitindo gerar novas ligações e, conseqüentemente, maiores fluxos de fora para dentro e de dentro para fora do bairro que conduzem inevitavelmente a um novo dinamismo cultural, social e económico. A transformação da imagem do bairro é, então, um factor também muito relevante para perpetuar esta ideia. Com pequenas alterações, nomeadamente o acrescento de iluminação pública, a reabilitação das fachadas e uma

pavimentação planeada, fomenta-se a regeneração e melhoramento das ruas, um dos espaços de maior vivência desta população.

Para garantir uma circulação mais fluida no interior do bairro, sugere-se uma rede de transportes públicos, nas principais ruas viárias do bairro, com paragens em pontos estratégicos que permitam uma acessibilidade mais articulada da população.

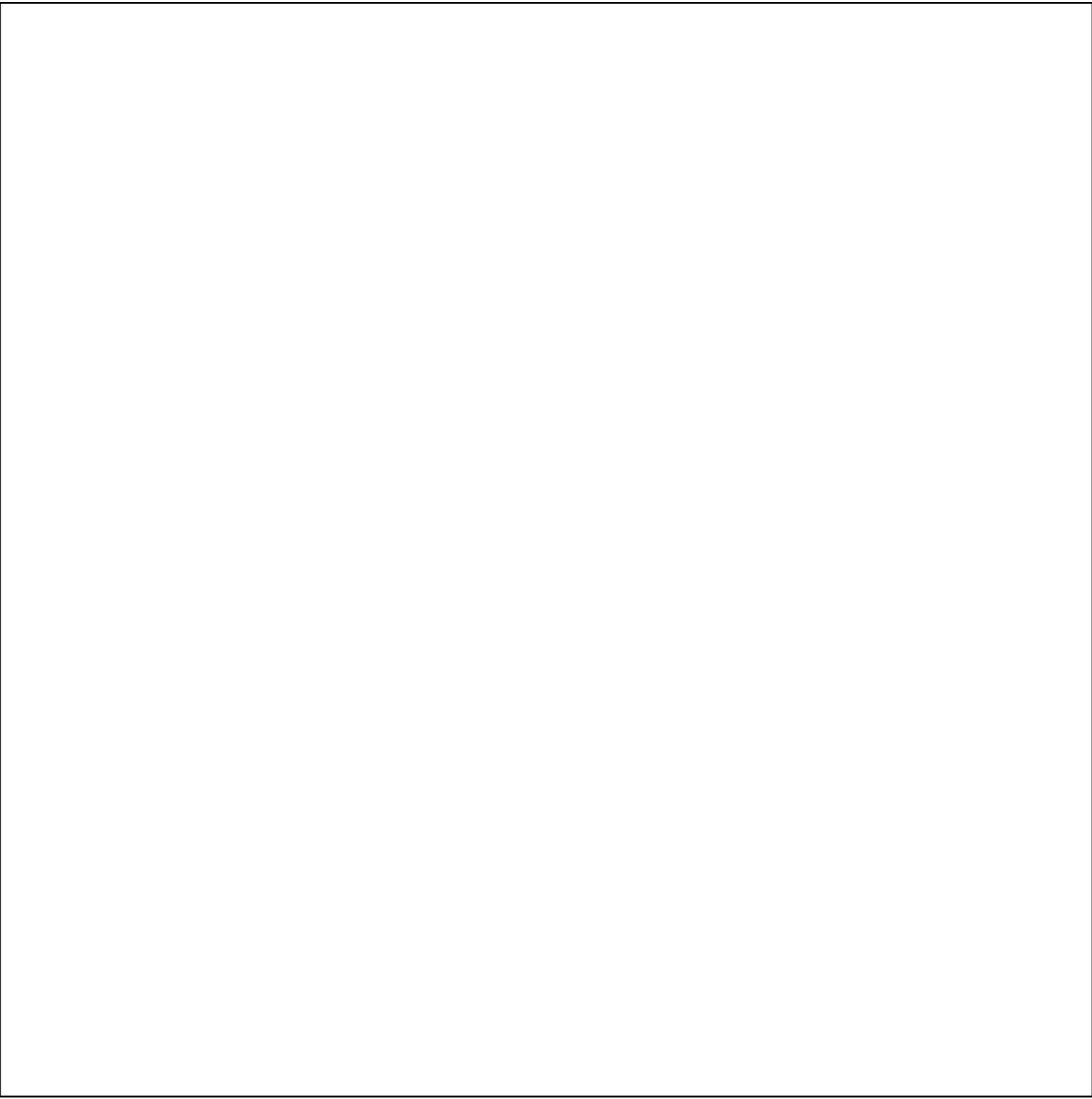
Na sequência da existência de um elevado número de casas muito degradadas, propõe-se a demolição de algumas delas a fim de libertar área para criação de mais zonas arborizadas, novas habitações ou espaço público de lazer apropriado às festas culturais.





□ Rede Pedonal / Viário (moradores) — Rede Viária — Novas ligações ○ Paragens - transportes públicos

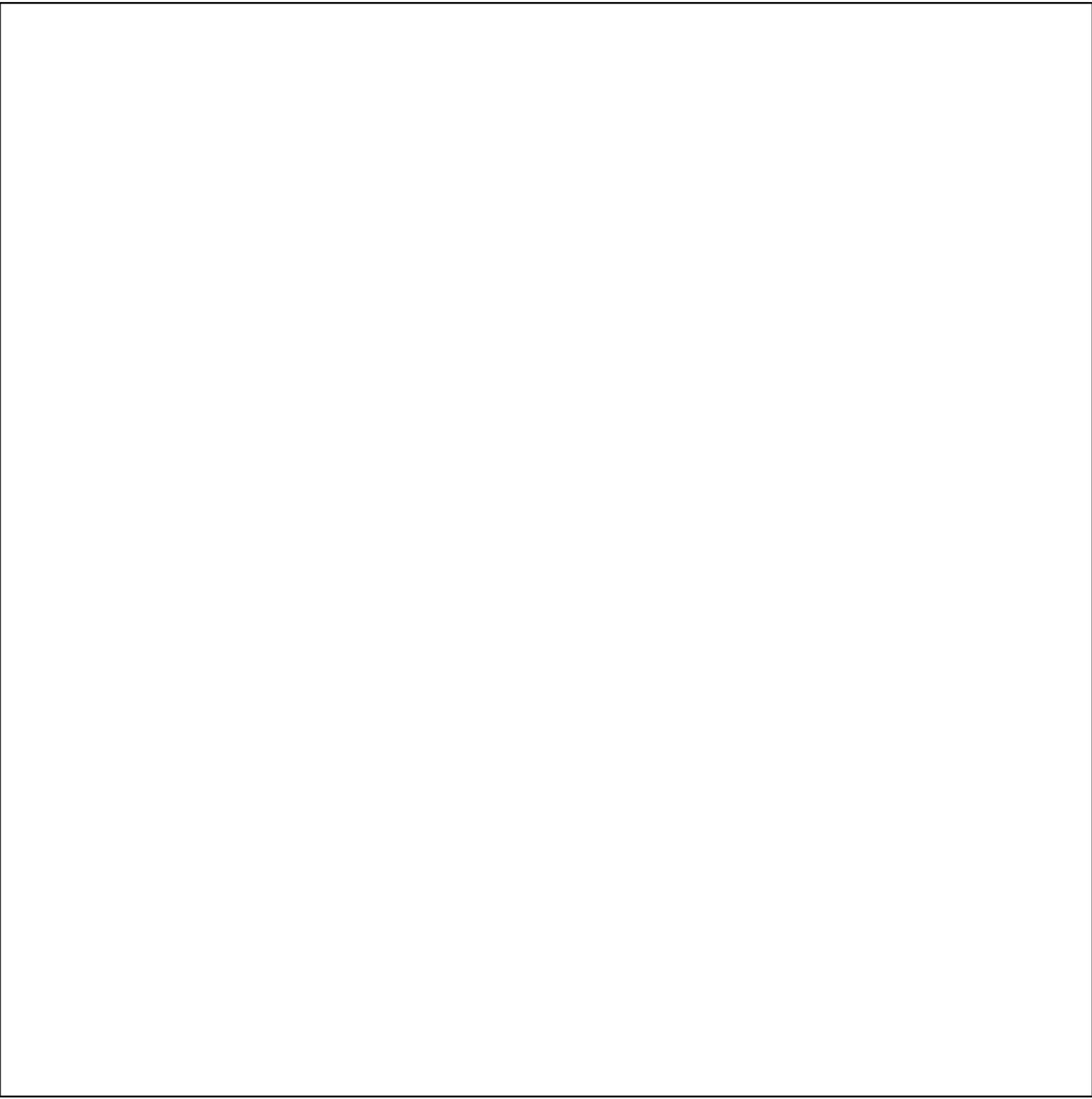
▪ **2 projectos** ▪ **dentro e fora do bairro** ▪



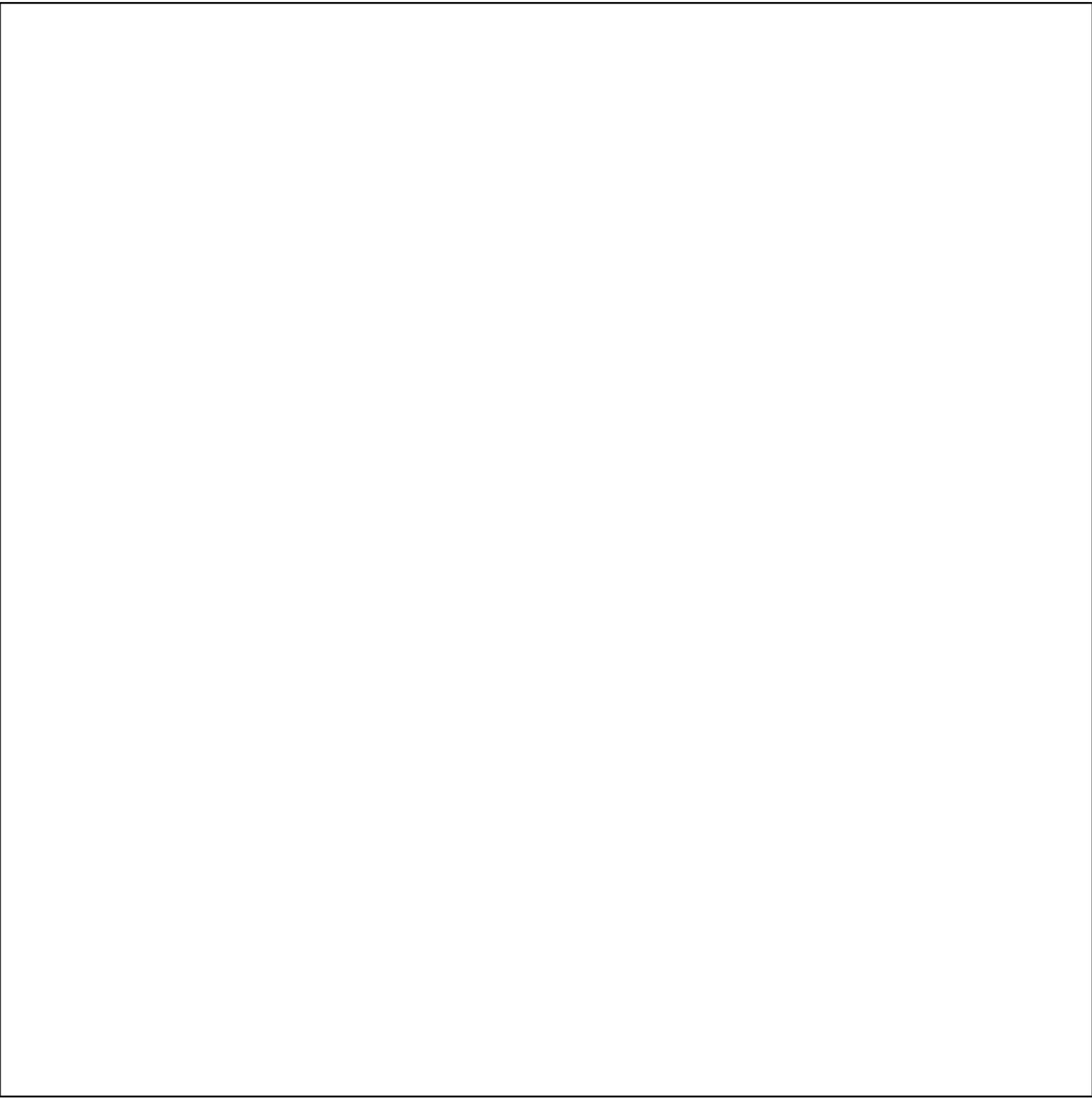


Planta de Localização





▪ **habitações** ▪



O projecto das habitações desenvolve-se tendo em conta o pressuposto de criar um espaço exterior ao bairro da Cova da Moura que possa funcionar socialmente como uma espécie de plataforma que potencie a interacção entre os diferentes habitantes. A área de intervenção restrita que foi sorteada é dominada pela presença de um grande espaço central e pelo confronto com a via rápida IC19. O grande espaço central engloba uma escola preparatória, uma creche um ginásio e um campo de futebol, equipamentos importante por agregarem fluxos diários de crianças e jovens de toda a zona, incluindo população do bairro da Cova da Moura. Para além disso , principalmente na rua que limita o espaço central, no lado Nordeste, verifica-se a existência de comércio e serviços que acaba por criar um ambiente urbano intenso, ao contrario do que sente à medida que se aproxima da IC19, zona onde não se fixam tantas actividades comerciais, notando-se inclusivamente a falência de alguma dessa mesma actividade possivelmente por não existir uma razão forte que motive a circulação da população por essas áreas.

É de salientar o alinhamento da Praceta Soeiro Pereira Gomes com a rua Teófilo Braga que, seguindo o plano estratégico, se ligaria à rua Palmeira, criando-se assim uma ligação continua transversal que atravessa o bairro da Cova da Moura, salientando ainda que, considerando o trabalho realizado por uma colega de grupo que intervém na zona limítrofe com a via rápida IC19, esse percurso estendia-se criando uma extensão desse percurso, fortalecendo esse eixo de ligação.

A situação topográfica de que desfruta esta parte da cidade acaba por ser um aspecto importante visto que a partir da Praceta Soeiro Pereira Gomes tem-se uma vista privilegiada sobre a cidade densamente construída que se estende para longe.

Neste contexto escolheu-se intervir numa banda de edifícios existentes e no espaço

que a circunda , incluindo a Praceta Soeiro Pereira Gomes. Procura-se neste exercício, por um lado tirar o máximo partido do espaço publico existente, e por outro lado, explorar o edificado típico da periferia, de uma forma global, procurando uma transformação que aborde o domínio privado do residente e também o carácter publico do edifício enquanto elemento definidor de espaço urbano e enquanto elemento propenso à apropriação para diferentes usos.

Neste sentido, a praceta, virada a Noroeste seria reformulada, o muro existente que obstrui a vista é substituído por um novo elemento que continua a funcionar como limite, no entanto permite a desobstrução total da vista, possibilita uma área continua de espaço ajardinado de baixa altura e ainda pode funcionar como banco para possibilitar a permanência das pessoas nesse espaço. Esta praceta passa também a funcionar como a plataforma de acesso às habitações, que se faz actualmente pela rua oposta a Sudeste. A rua Soeiro Pereira Gomes a Sudeste, também é reformulada, uma vez que já não serve de espaço de acesso às habitações, permite uma transformação a nível do terreno, que permite às actuais caves receber mais luz natural, possibilitando maior ventilação e criando uma drástica melhoria na relação com o exterior. Este aspecto revela-se importante uma vez que actualmente grande parte das habitações na cave estão desocupadas muito provavelmente pelas fracas condições de habitabilidade.

O carácter desta rua actualmente é marcado por um conjunto de árvores alinhadas com a banda de edifícios, que confere um ambiente calmo , associado também à fraca intensidade de circulação de automóveis que se verifica. Assim, a proposta procura manter o carácter desta rua, redefinindo o espaço de estacionamento, para que seja possível criar um espaço para ajardinar, em contacto directo com as habitações. Esta redução de

estacionamento não é problemática, uma vez que na proximidade existe uma grande área junto da IC19 dedicada a este propósito.

De uma forma geral procura-se que a praça seja um espaço de interesse, de vida urbana mais intensa, onde se possam fixar estabelecimentos comerciais ou equipamentos públicos, para que também dessa forma, em continuidade com a rua Teófilo Braga, o percurso que faz a ligação directa com o tecido da Cova da Moura, fosse fortalecido e ganhasse um novo sentido.

Relativamente ao edificado, depois de uma análise da situação existente, a proposta de intervenção assenta numa transformação radical a vários níveis. Como já foi dito é alterada a entrada para as habitações, que actualmente se faz pela rua a uma cota mais elevada, e que passa a ser feita pela praça a uma cota mais baixa, procurando também assim vitalizar o espaço. As garagens existentes são suprimidas para dar lugar a espaços comerciais ou equipamentos públicos, e espaços comunitários para os residentes que poderiam funcionar como espaço para arrumos complementares às habitações. As caves tal como foi dito também, ganham uma nova frente que actualmente são marcadas pelos pequenos vãos que na prática estão permanentemente fechadas devido à proximidade com o nível da rua.

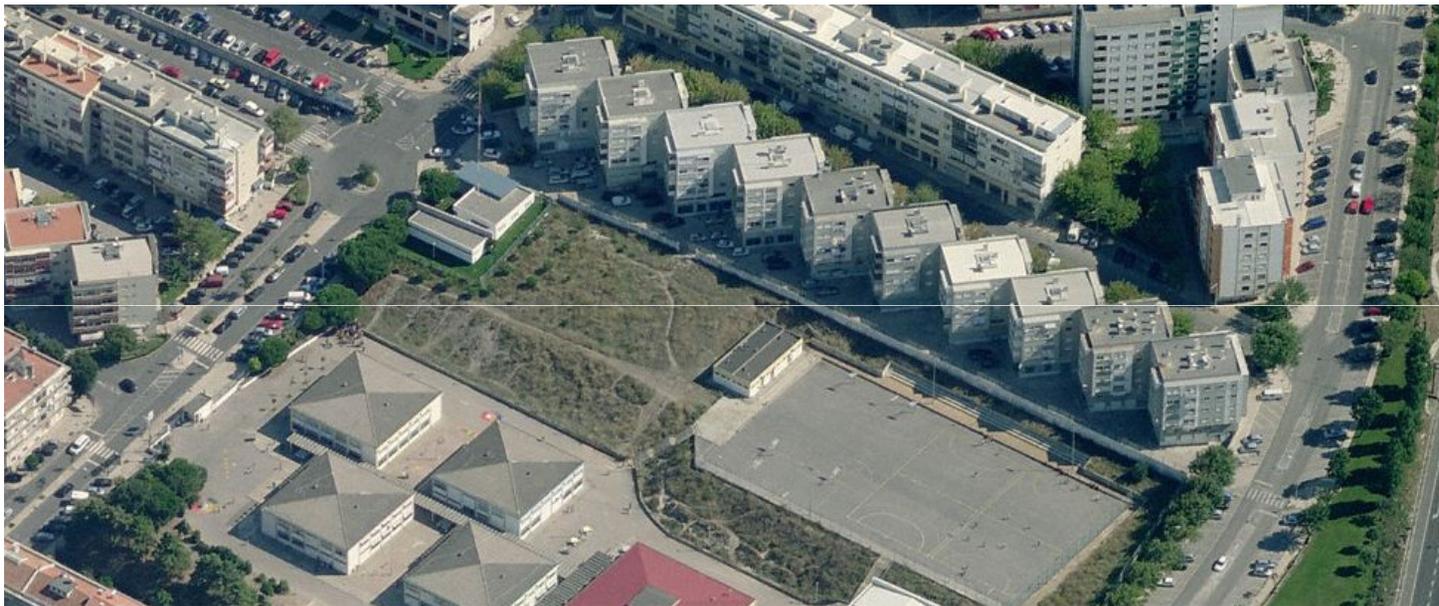
Relativamente à habitação em si, a situação actual apresenta-se com uma organização simples, marcada pelo corredor de distribuição que articula os diferentes compartimentos que funcionam de forma independente. Cada piso do edifício tem duas habitações que praticamente estão divididas no sentido Nordeste/Sudoeste. Esta organização dificulta uma ventilação eficaz e acaba por fazer com que cada habitação se vire essencialmente para um dos lados, ou para a praça ou para a rua. Perante esta situação,

o que a proposta de intervenção procura, é criar uma espacialidade menos compartimentada, tentando eliminar o constrangimento do corredor de distribuição, e nesse sentido alia-se o espaço de estar ao espaço para cozinhar e comer. Pretende-se que as habitações tenham todas uma relação forte com a rua e com a praça, e nesse sentido, a partir do espaço social da casa é possível abarcar visualmente tanto a rua como a praça, aspecto que é potenciado pelas varandas abertas aos dois lados. Procura-se o contacto efectivo com o exterior e desse modo, todos os compartimentos são dotados de varandas que permitem tanto usufruir da vista sobre a cidade, como de um espaço mais calmo, mais contido e dominado pelas árvores e vegetação. Em contraponto à banalidade do edificado existente, o que se pretende é que a habitação seja um lugar agradável, com uma maior margem para a apropriação, com maior opção em termos de ambiente exterior ainda dentro do domínio privado, e ainda assim, apesar dessa abertura, é tida em conta a necessidade indispensável da privacidade, sendo criado um sistema de portadas que se desdobram e correm numa calha que permitem o controlo da entrada de luz e exposição à rua.

Em termos do impacto exterior que o edifício tem na envolvente, a intenção, em contraponto com a serialização e a repetição desinteressante e adulterada pelas marquises que pautam o edificado da envolvente, é de manter de certa forma o carácter repetitivo da banda de edifícios, porém fazê-lo de uma forma mais estimulante. Deste modo, a fachada da banda de edifícios, que é repetitiva exceptuando nas pontas, funciona essencialmente como um sucessivo contraponto de fachada de betão cega, a toda a altura do edifício, com uma fachada completamente aberta, mutável, cuja configuração muda constantemente, consoante a manipulação do sistema de portadas por cada habitação. Assim quando estamos na rua Teófilo Braga, a leitura do edifício do lado da praça resume-

-se a uma sucessão de planos cegos, que procuram de alguma anunciar um espaço distinto, com uma “limpeza” estranha à envolvente. Pareceu-me importante essa leitura neutra do edifício, uma vez que o espaço publico associado funciona também como um espaço de contemplação da paisagem. Inversamente, do outro lado da praça como a paisagem já não aparece como uma surpresa, a leitura da banda de edifícios já é mais marcada pelas fachadas carregadas de informação entrando em maior consonância com a envolvente.

Em termos construtivos, o edificado existente é remetido praticamente à sua estrutura principal, sendo acrescentada uma nova estrutura também de betão que se “funde” com a existente. Procurou-se que as infra-estruturas relativas à cozinha se enquadrassem na estrutura nova para facilitar todo o processo construtivo. Basicamente do existente aproveita-se a estrutura e procura-se a partir dessa matriz, explorar a possibilidade de se criar um tipo de habitação mais estimulante para se viver. Este exercício, de certa forma, testa o potencial destes edifícios ou destas estruturas para uma alteração profunda a nível da habitação, ou seja, explora-se de que forma se pode oferecer um estilo de vida diferente nestas áreas, poupando o processo completo de demolição e construção que cada vez mais se configura como uma prática pouco sustentável, poupando também o consumo de terreno livre que se revela um bem precioso em contextos como este. Em suma procura-se uma transformação global de uma parte da cidade, tirando proveito das potencialidades existentes para criar um lugar interessante, capaz de fomentar a apropriação e utilização do espaço por parte dos residentes destas áreas que promova a interacção, e desse modo, espera-se contribuir pela via da arquitectura para diminuir desigualdades sociais.



Local de Intervenção



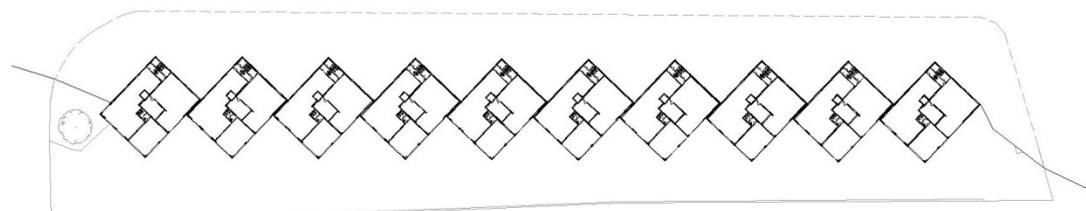
Local de Intervenção – Praca Soeiro Pereira Gomes



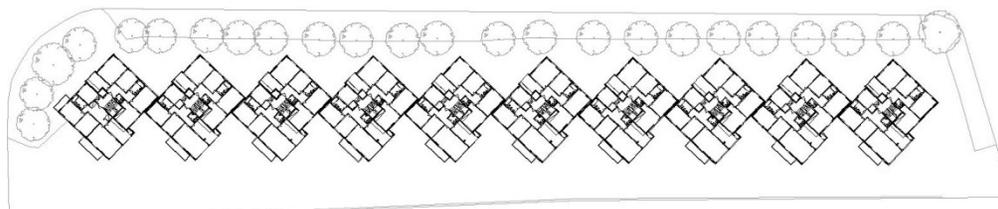
Local de Intervenção – Rua Ana de Castro Osório



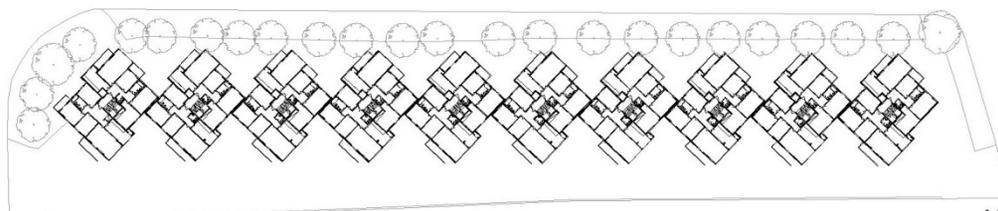
Local de Intervenção – Rua Soeiro Pereira Gomes



Planta da sub-cave

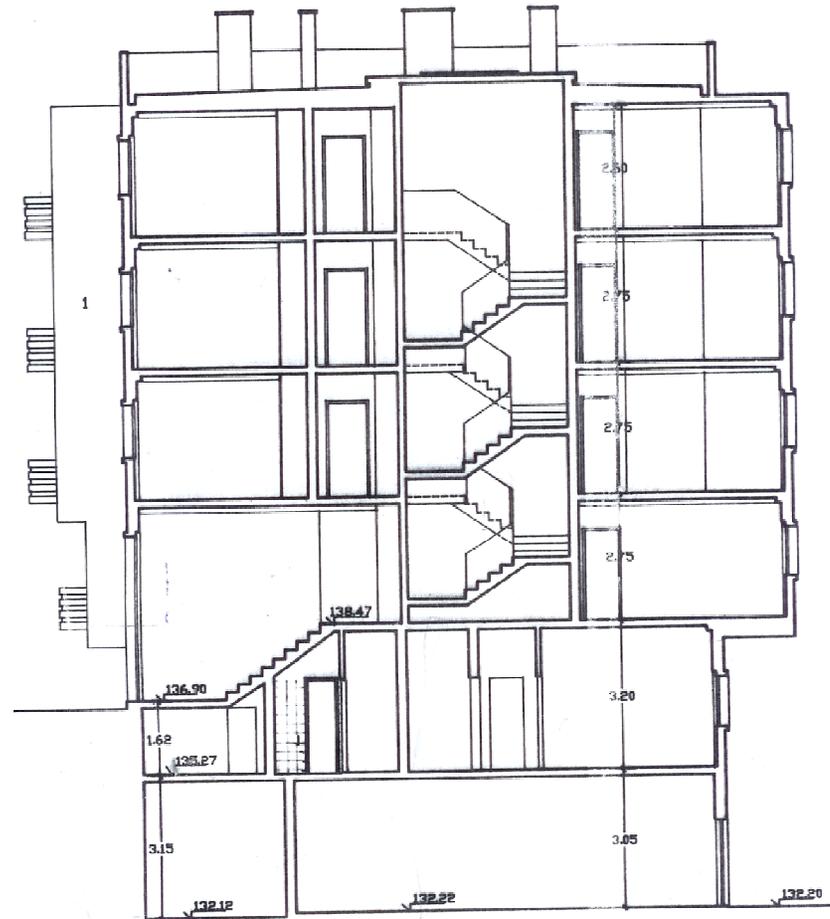


Planta do rés-do-chão (piso de acesso)



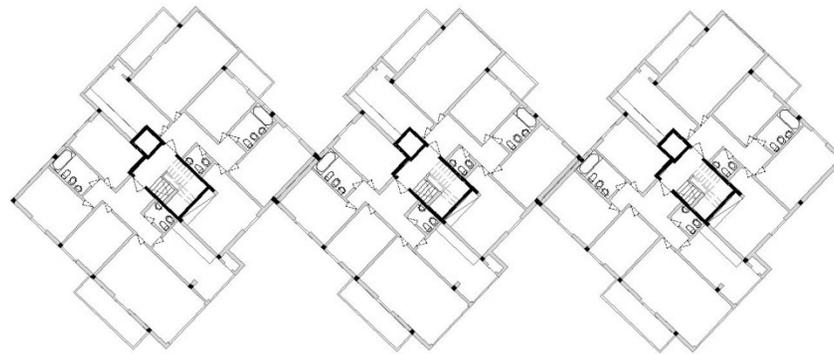
Planta do piso-tipo
Plantas do edifício existente



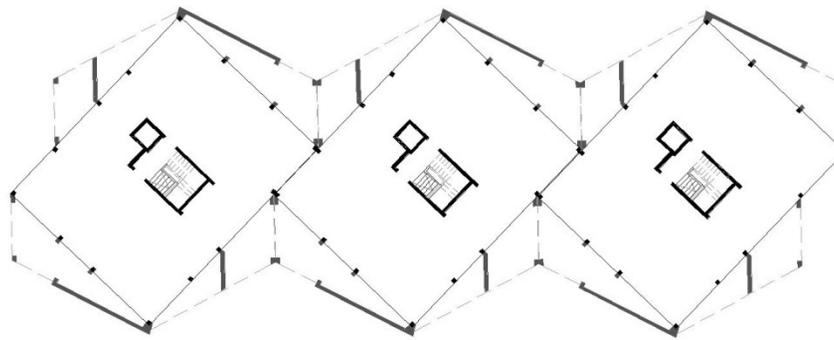


CORTE AB

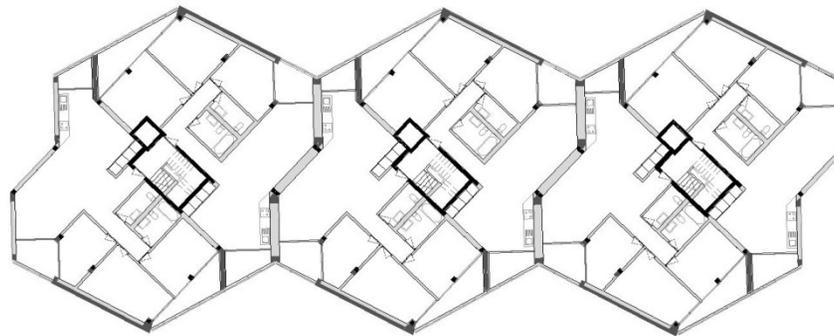
Corte do edifício existente



Habitação e estrutura existente



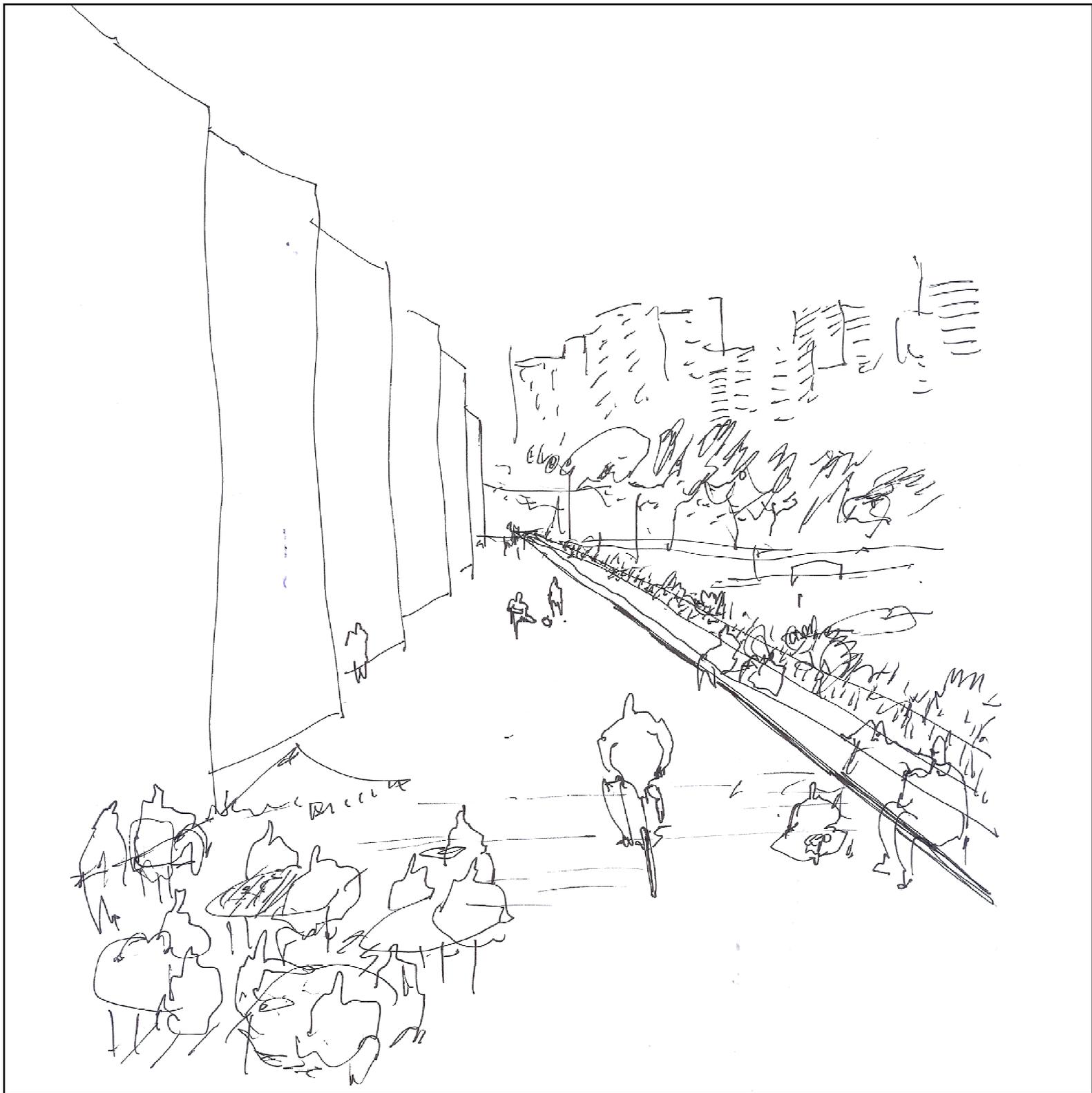
Estrutura existente + estrutura proposta



Habitação proposta

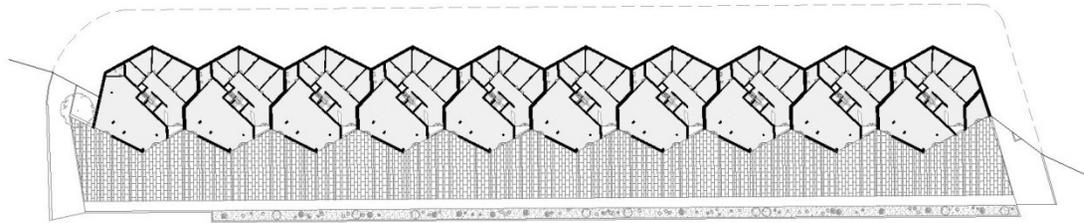
Esquema da transformação



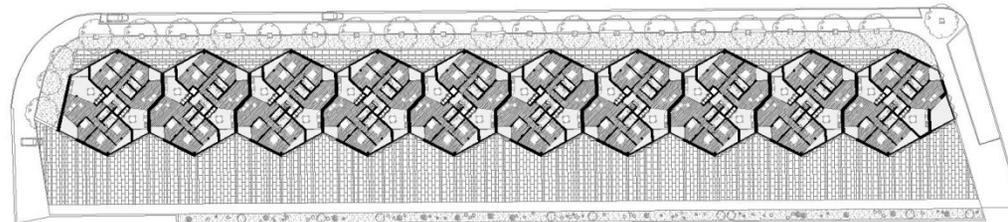




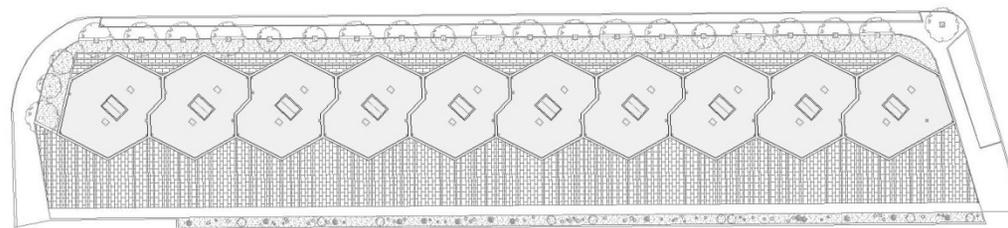




Planta da sub-cave (piso de acesso)



Planta do piso-tipo



Planta de cobertura

Plantas da proposta de intervenção





Alçado Noroeste



Alçado Sudeste

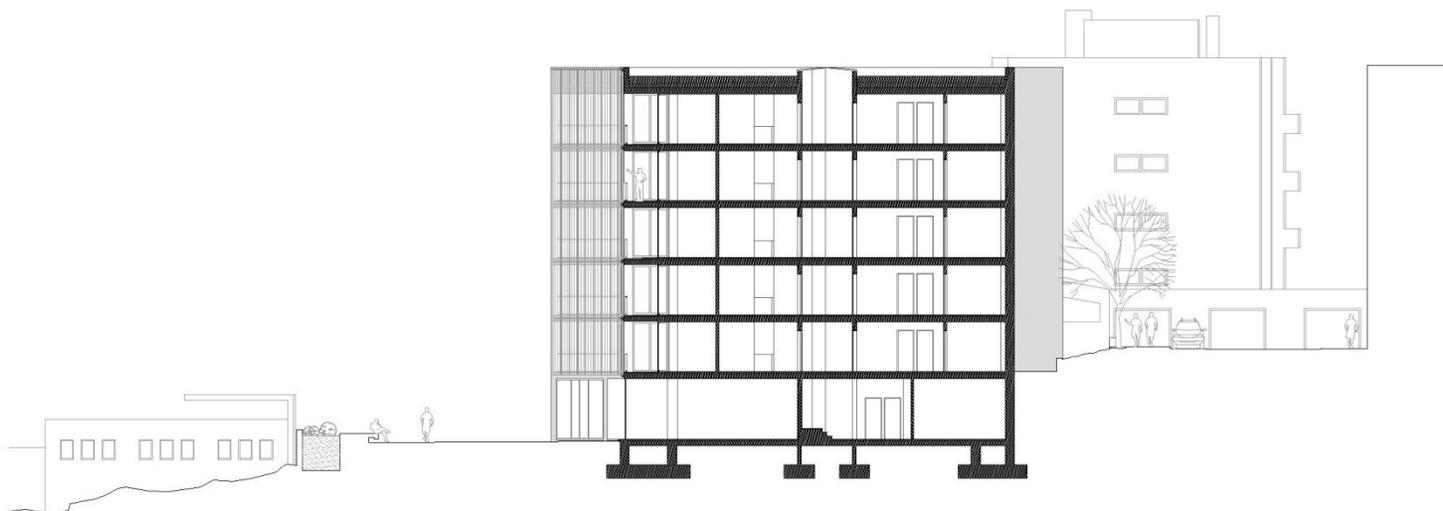
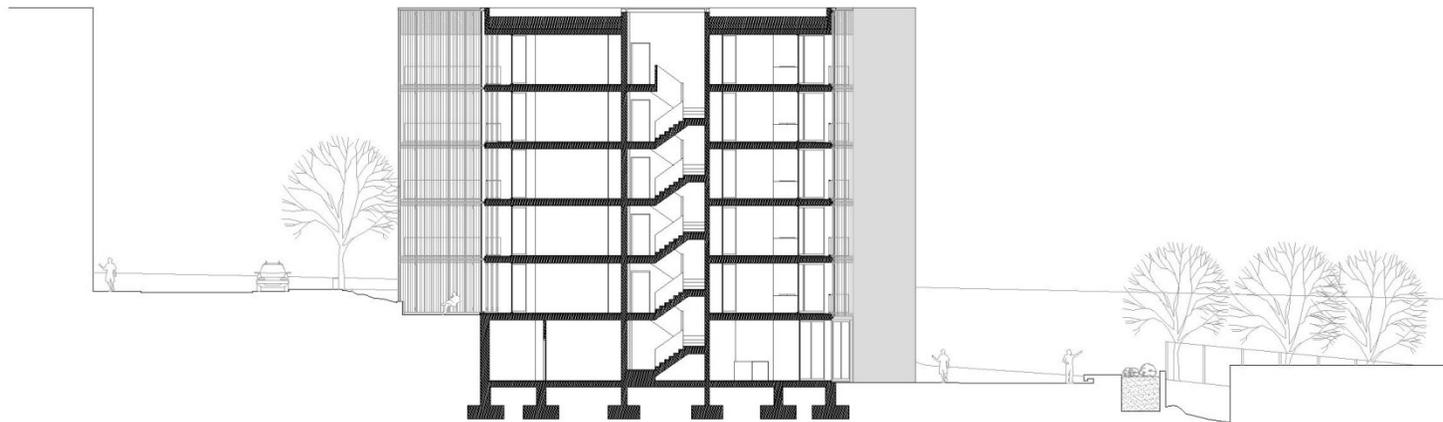


Alçado Sudoeste

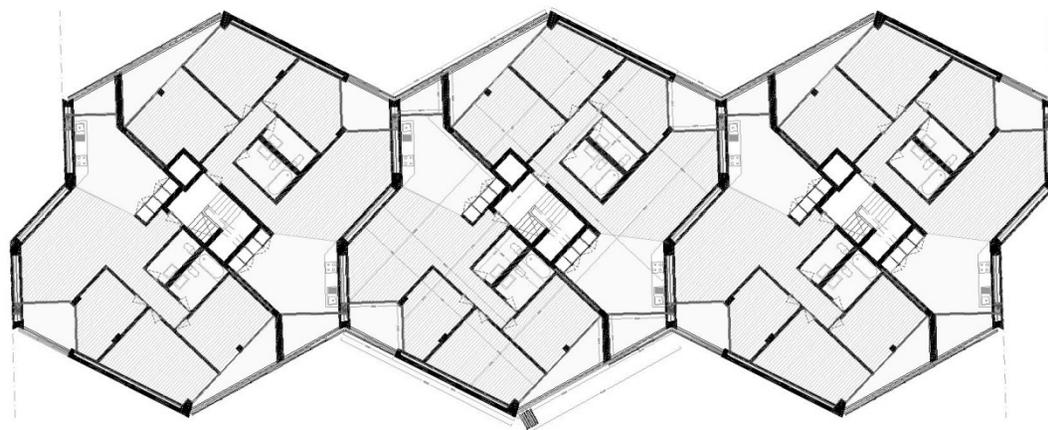


Alçado Nordeste

Alçados da proposta de intervenção

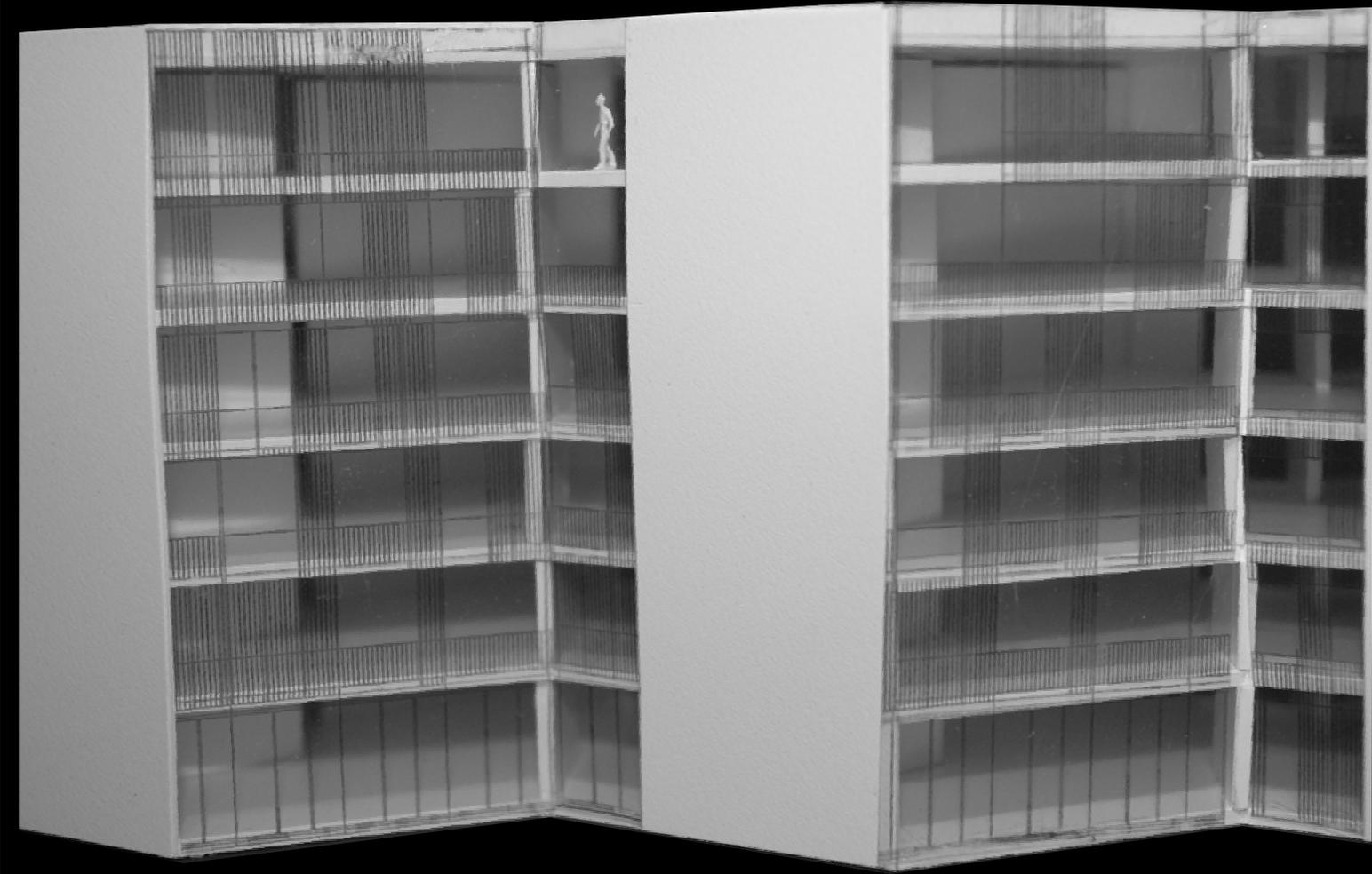


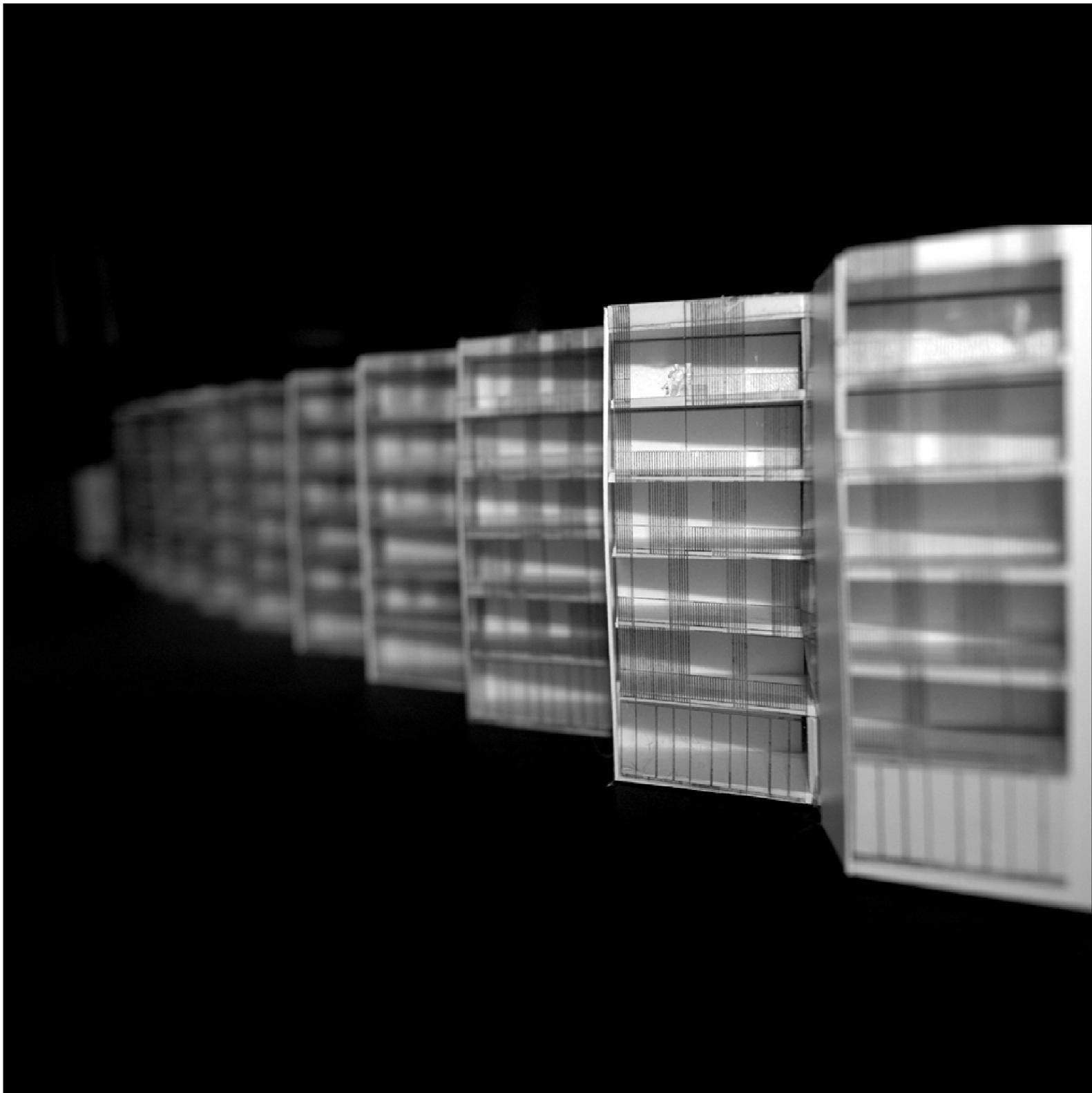
Cortes transversais da proposta de intervenção

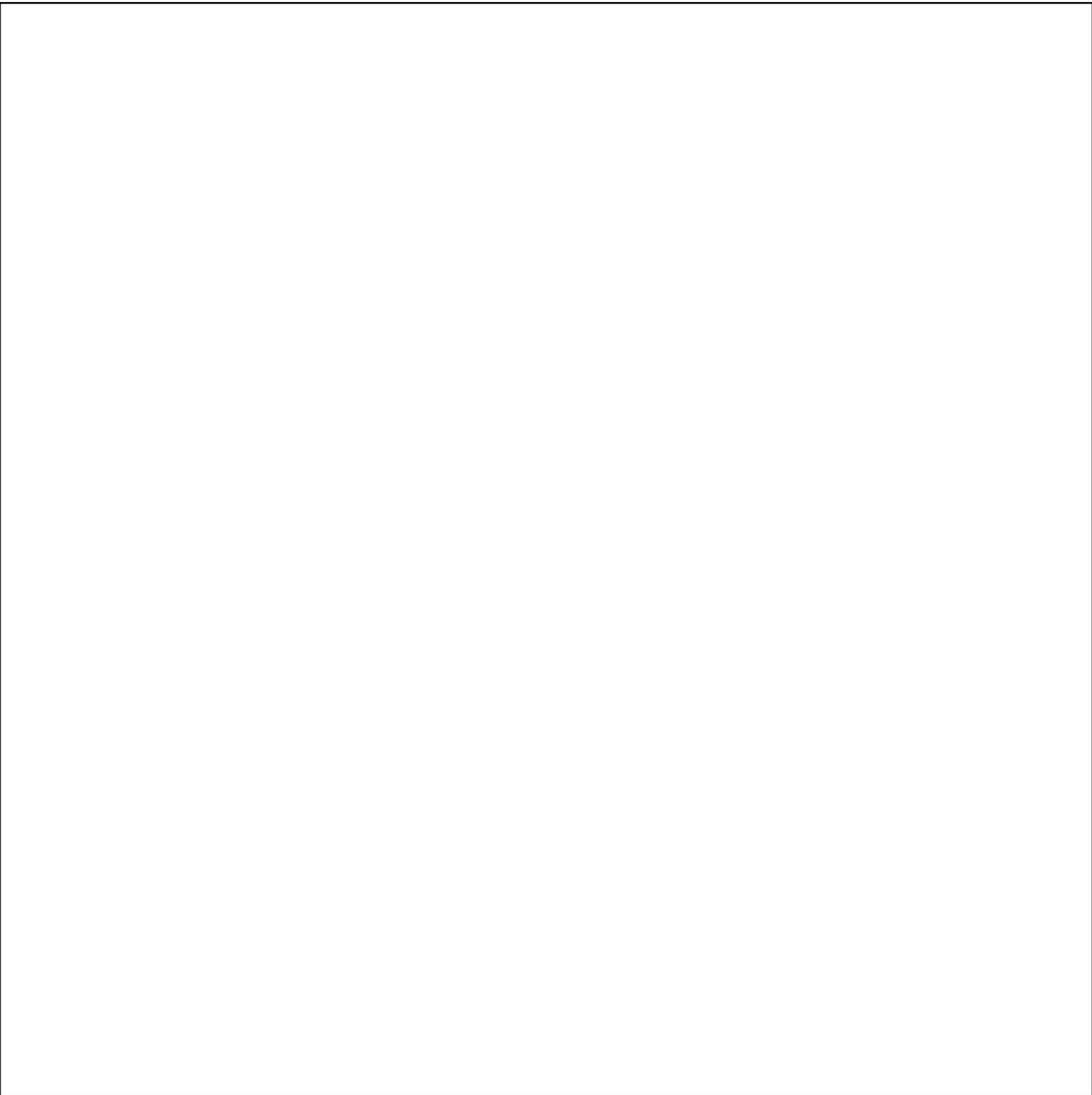


Planta construtiva da proposta de intervenção









▪ **mercado multicultural.**



Intervindo já dentro dos limites do tecido do bairro da Cova da Moura, e seguindo a linha do plano estratégico, o projecto do mercado multicultural é encarado como uma potencial nova ligação forte entre o bairro e a envolvente. O próprio programa do mercado subentende uma forte abertura ao exterior, uma vez que um mercado desta dimensão pressupõe que este equipamento sirva toda uma área mais abrangente e não exclusivamente para uso interno do bairro. Nesse sentido, factores como os acessos e visibilidade, tornam-se determinantes para que o mercado funcione de forma eficiente.

Estrategicamente, o projecto abre-se para a Avenida da República, desta forma assegurando-se uma grande visibilidade e fácil acesso, uma vez que esta avenida é uma via estruturante que liga directamente a Alfragide e outras partes da Amadora e tem ligação directa com a via rápida IC19. Por outro lado, estando próximo da estação de comboio, fortalece-se o fácil acesso e adensam-se os fluxos de pessoas que estes dois sistemas de transportes agregam, alargando o espectro dos potenciais utilizadores. A uma escala menos abrangente, apesar de não ter sido resolvida no projecto, foi tida em conta uma possível ligação futura do espaço público do mercado com uma área triangular perto da estação de comboios, que por sua vez também se poderia articular a uma rua de acesso a habitações já fora da Cova da Moura, permitindo desse modo uma ligação mais efectiva com o tecido envolvente próximo.

Era importante também que para além de trabalhar no limite do bairro, o projecto tivesse repercussões a nível mais interno, ou seja, pretende-se que os fluxos associados ao mercado, atravessassem realmente o centro do bairro e nesse sentido dois eixos de circulação foram determinantes: a Rua principal, e o eixo composto pela Praceta Soeiro Pereira Gomes, rua Teófilo Braga, rua Palmeira, rua Alecrim e rua Santa Filomena. Estas

duas ruas são importantes porque asseguram uma ligação com a envolvente mais próxima e tentam potenciar a integração do bairro na rede de circulação do resto da cidade.

Assim, o projecto desenvolve-se em linha, sendo limitado pela avenida da Republica numa das extremidades e pela rua principal no outro extremo, sendo cruzada a meio pela rua Alecrim.

Em termos programáticos, procurou-se uma fusão entre as duas dimensões do projecto, a venda de produtos e as actividades culturais, tentando tirar partido da riqueza cultural existente no bairro, para que o mercado se distinguisse dos que já existem na envolvente procurando também dessa forma, tornar o projecto mais competitivo. Para a implantação do mercado são então demolidas uma série de casas, que assim libertam o espaço necessário para a realização do projecto, tendo sido levado em conta o estado de conservação das habitações, procedendo-se à demolição de habitações em estado razoável, somente se fosse estritamente necessário.

O terreno de implantação é marcado por um acentuado declive, principalmente na área próxima da avenida da república, sendo mais estabilizado na parte mais interior. Este terreno é “esculpido” em patamares e degraus, procurando não alterar a configuração actual, para que a relação do edificado com esse espaço se mantesse. Neste processo serviram de referencia, imagens de Machu Pichu no Perú, onde a montanha é trabalhada como se fosse talhada em patamares de maneira a permitir o assentamento de edificações e culturas agrícolas. Neste caso na Cova da Moura, obviamente trata-se de uma situação diferente, no entanto interessou-me a ideia de trabalhar o terreno por patamares que acompanham o declive natural, para assim se criarem espaços estabilizados maiores ou menores que servem diferentes funções que vão desde o degrau até aos patamares onde

se implanta o mercado.

Assim na parte mais interior, entre a rua do Alecrim e a rua Principal decidiu-se implantar o mercado propriamente dito, juntamente com parte das actividades culturais. O conceito do projecto, centra-se na ideia do mercado de rua, em oposição à ideia do mercado tradicional encerrado num edifício. Foi importante a referência do mercado das Caldas da Rainha que também se desenvolve na rua, na praça central da cidade e que funciona sem estruturas fixas de apoio. O mercado monta-se e desmonta-se apropriando-se do espaço da praça que também funciona como uma praça “pura” enquanto não há mercado. Apesar das divergências, interessa a mistura do espaço público com a actividade do mercado e nesse sentido, no projecto procurou-se que o mercado de uma forma global estivesse associado essencialmente à rua, ao espaço público e não a um edifício encerrado. A venda dos produtos desenrola-se ao longo da rua que é criada, através de bancas fixas no centro, permitindo a circulação por ambos os lados. As bancas assentam em patamares que vão acompanhando o declive do terreno, por forma que se mantenha a relação com as casas existentes. Estruturas de apoio vão acompanhando as bancas, para que as bancas funcionem como elemento expositor e de armazenagem de elementos mais pequenos.

As actividades culturais desenvolvem-se em pontos chave estando distribuídas ao longo do prolongamento do projecto. O atelier de culinária faz frente com a rua Principal, também ela marcada pela existência de alguns restaurantes, procurando articular assim o mercado com a estrutura comercial existente. O atelier de dança está em contacto com a rua Cabo Verde e usufrui de um espaço livre à frente para que seja possível as aulas de dança saírem para o exterior e dessa forma também contaminar o ambiente do mercado. Os ateliers de artes plásticas e de música, funcionam no mesmo edifício que contacta com a rua

do Alecrim e articula a cota da rua com a cota do patamar mais abaixo. No piso intermédio desse edifício existe um espaço comum aos dois ateliers que se abre para um patamar a meio da escadaria possibilitando a apropriação desse espaço para actividades relacionadas com a produção artística desenvolvida. A sala polivalente situa-se em contacto com a avenida da Republica e engloba três níveis diferentes, sendo o piso à cota mais elevada, enquadrado com um anfiteatro que acompanha o terreno e que cria a possibilidade de serem aí desenvolvidos espectáculos ou qualquer outro tipo de performance. Assim a sala polivalente funciona também como um lugar onde pode ser dado a conhecer ao publico o trabalho produzido nos ateliers, podendo receber qualquer tipo de espectáculo em que o publico possa ficar ao ar livre, e dessa maneira este espaço pode constituir-se como um equipamento/espaço público importante para toda a envolvente. Salienta-se ainda a importância da cafetaria que também desempenha um papel importante na configuração espacial do projecto, abrindo-se para uma cota mais baixa onde pode funcionar como uma esplanada e no lado oposto virado ao lado sul, abre-se para um pequeno anfiteatro em patamares. A cafetaria pela sua localização procura ganhar uma importância quase de equipamento público, o que parece fazer sentido, tendo em conta a importância que este tipo de estabelecimento tem no bairro, e não só, enquanto ponto de encontro da população.

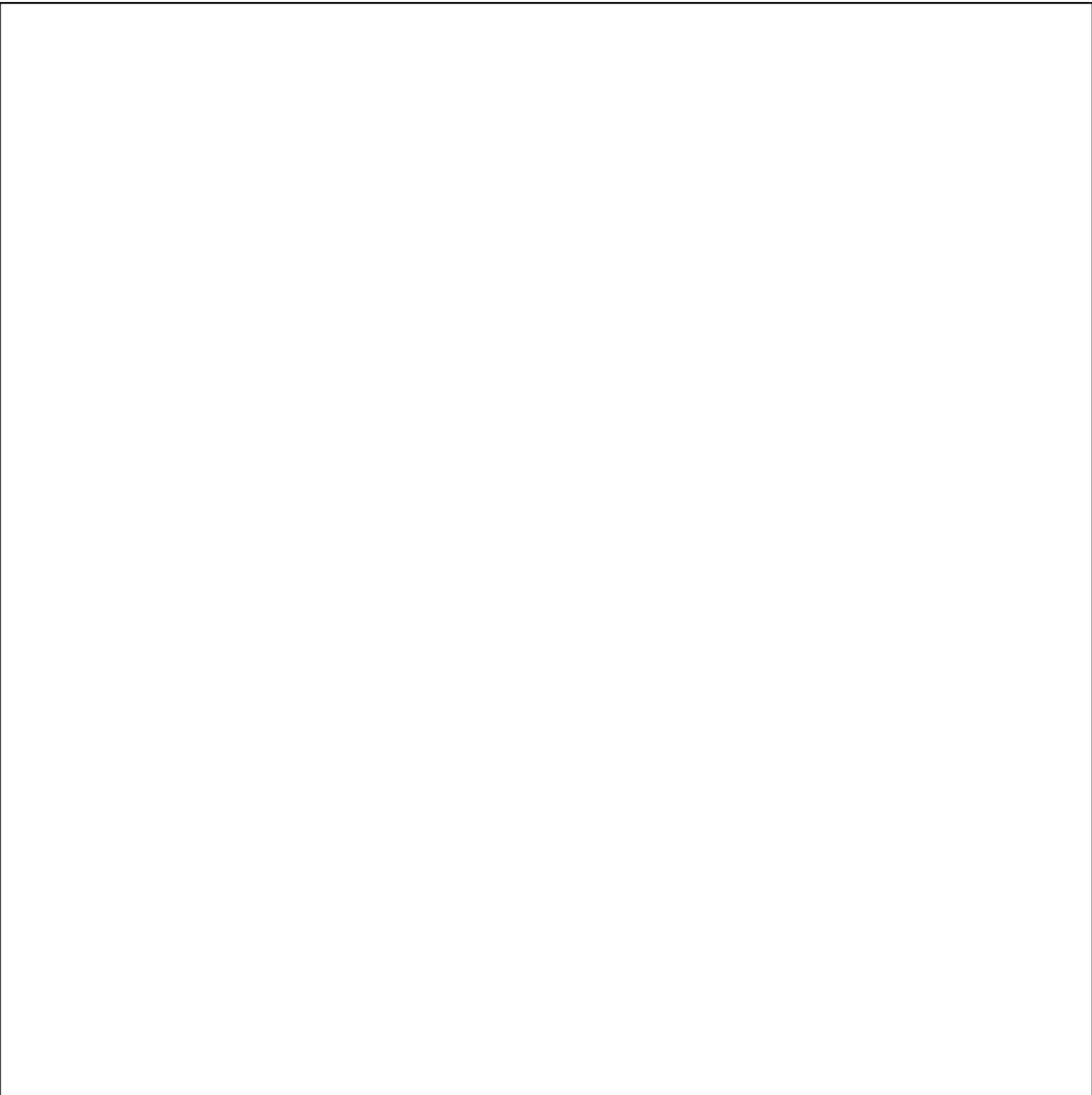
O edificado proposto, procura harmonizar-se com o edificado do bairro, assumindo a mesma escala e mesmo tipo de cobertura, sendo projectados uma série de edifícios, que volumetricamente se identificam com o edificado típico do bairro. A distinção da proposta expressa-se pelo material de construção, o betão aparente que unifica a proposta, e também pelo dimensionamento dos vãos, maiores em relação aos pequenos vãos dos edifícios habitacionais, e desse modo anunciando também o carácter público da proposta.

Esta estratégia da não afirmação óbvia e clara da nova construção, procura de certa forma evidenciar a importância do chão trabalhado por patamares que acaba por ser o elemento principal do projecto. O vazio projectado acaba por ser determinante, uma vez que dentro da estrutura urbana do bairro de ruas estreitas e becos, cria-se com o mercado um momento de desafogo, de ausência de construção, de amplitude visual, e esse aspecto por si só no contexto do bairro acaba por funcionar como elemento de referência.

A cobertura do mercado desenvolve-se a partir de um sistema de cabos que se fixam às construções da proposta e às construções existentes, funcionando essa estrutura de cabos como um sistema onde podem ser fixadas telas de lona para proteger da chuva no caso do Inverno ou redes de sombreamento no caso do Verão, ou mesmo sem qualquer tipo de cobertura se for necessário. Este sistema permite assim uma grande flexibilidade de uso e tenta criar um ambiente típico de mercado de rua. Os cabos cruzados possibilitam ainda a decoração com elementos festivos, tal como se verifica actualmente em algumas ruas do bairro .

Para melhorar o acesso ao mercado, foi reformulado o nó de entrada no bairro da rua Principal, para facilitar também a circulação dos veículos de abastecimento do mercado, que encontram num espaço paralelo a esta mesma rua um ponto de cargas e descargas, a partir do qual o mercado se abastece. O estacionamento é resolvido no lado Sul do bairro, na rua 8 de Dezembro, e encontra-se a cerca de 100 metros do mercado.

O mercado serve assim quase como um pretexto para se efectivarem ligações com a envolvente e desenvolve-se, procurando oferecer um espaço que potencie o desencadear de um processo de interacção com a vizinhança próxima mas também mais distante, sem esquecer a forte identidade do lugar da intervenção.





Local de Intervenção



Local de Intervenção – Rua Alecrim





Local de Intervenção – Rua Alecrim





Local de Intervenção – Vista da Rua Alecrim



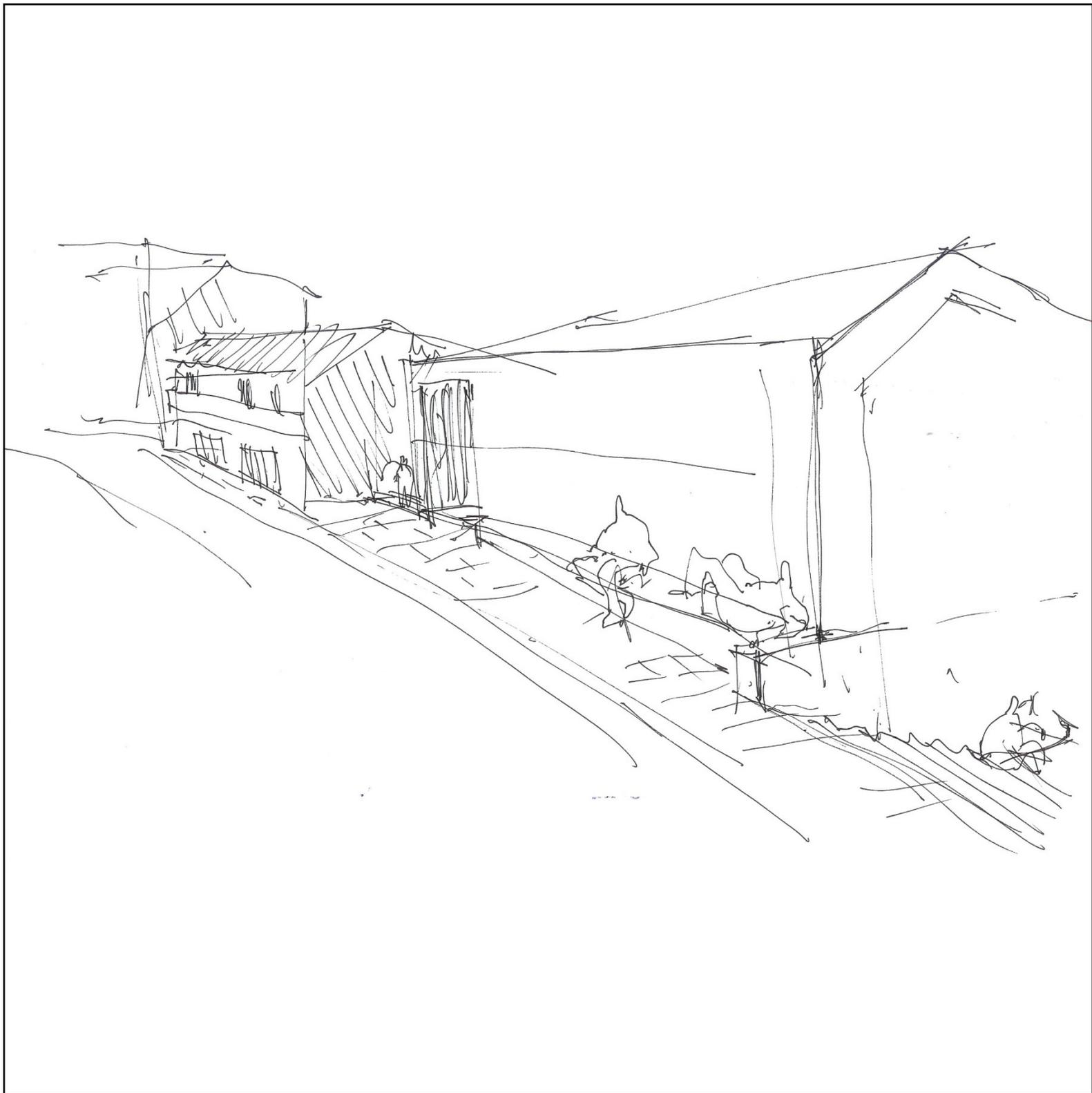
Mercado das Caldas da Rainha

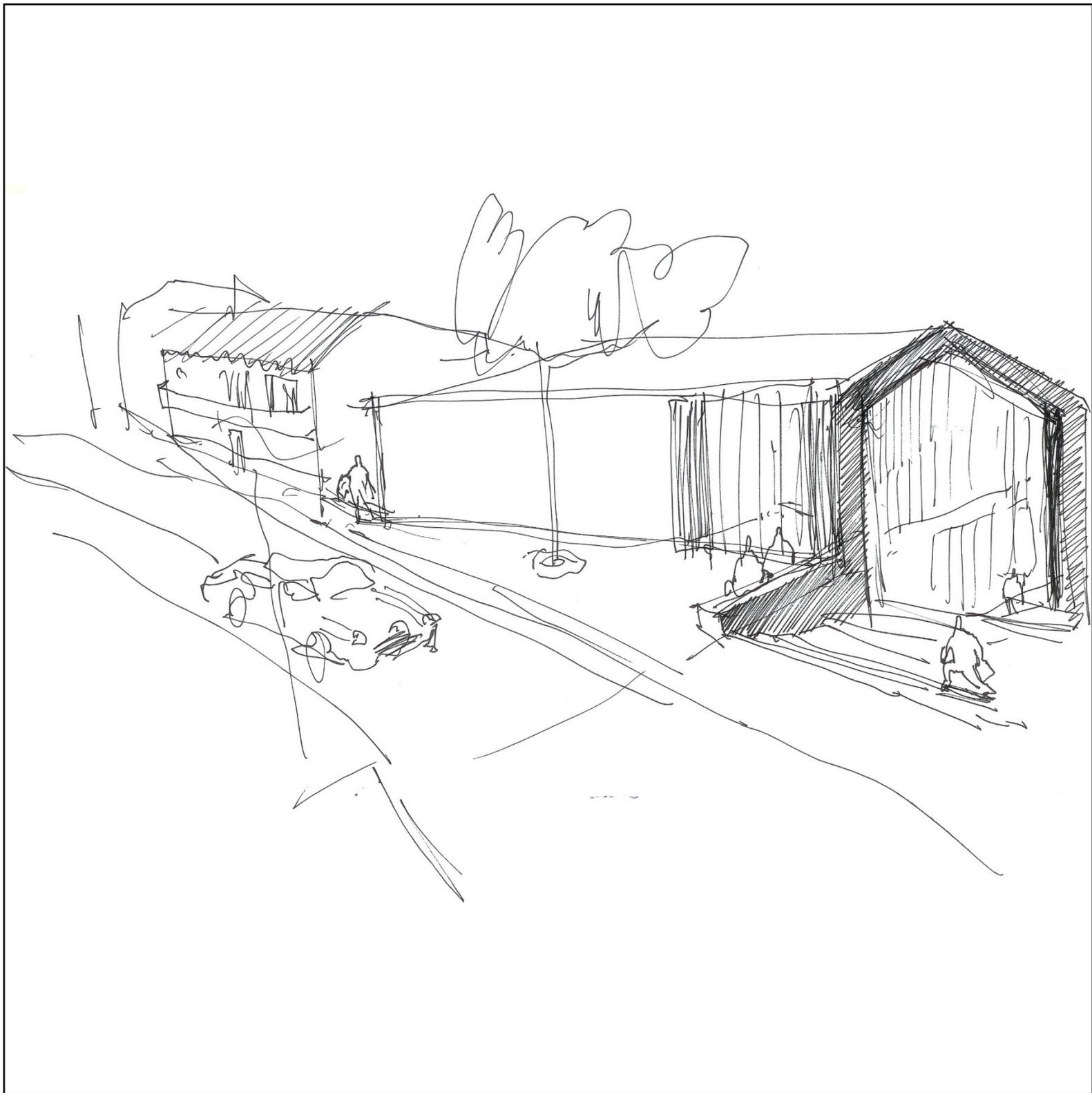


Mercado de rua - Cidade - da Praia - Cabo Verde





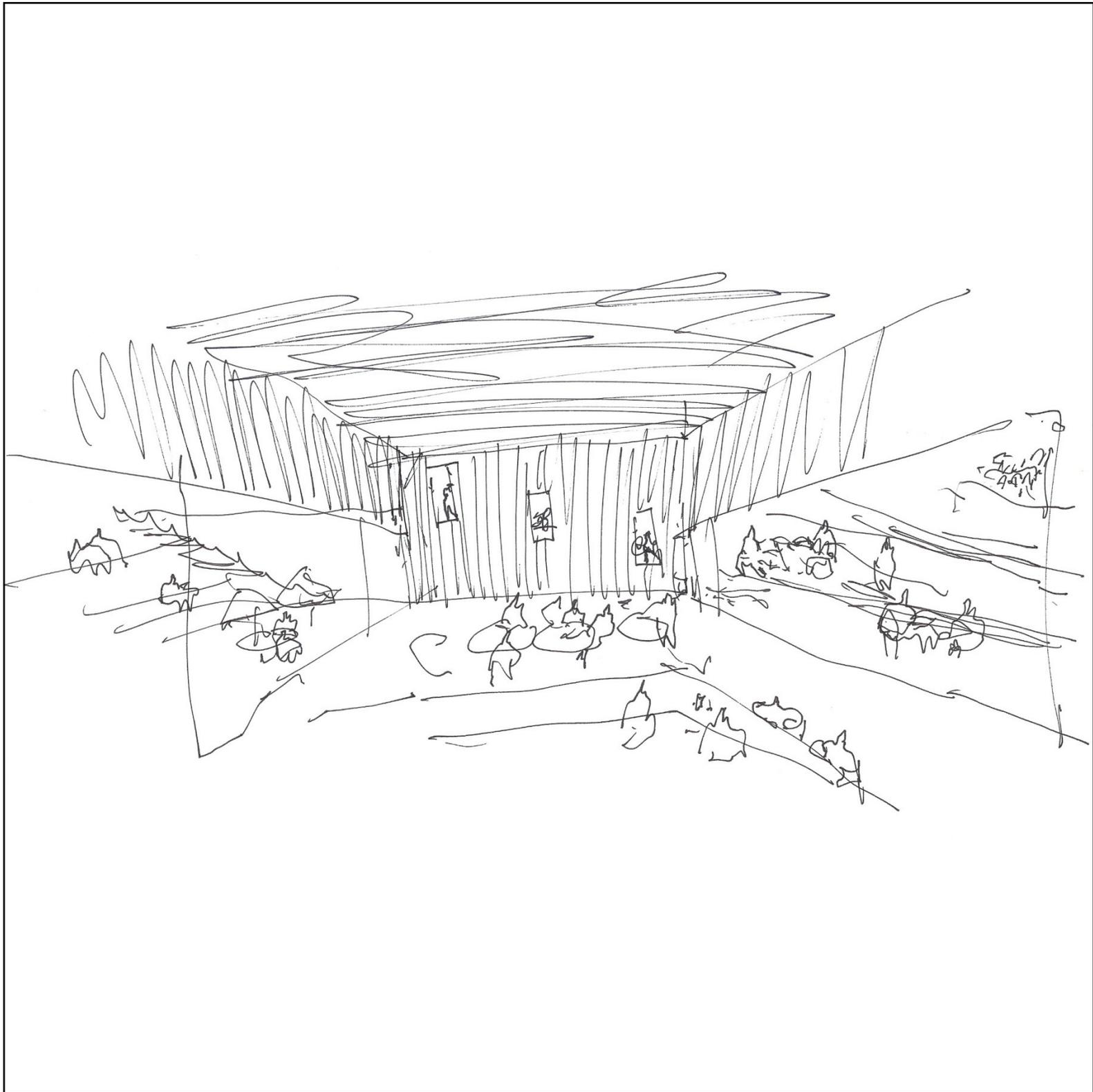




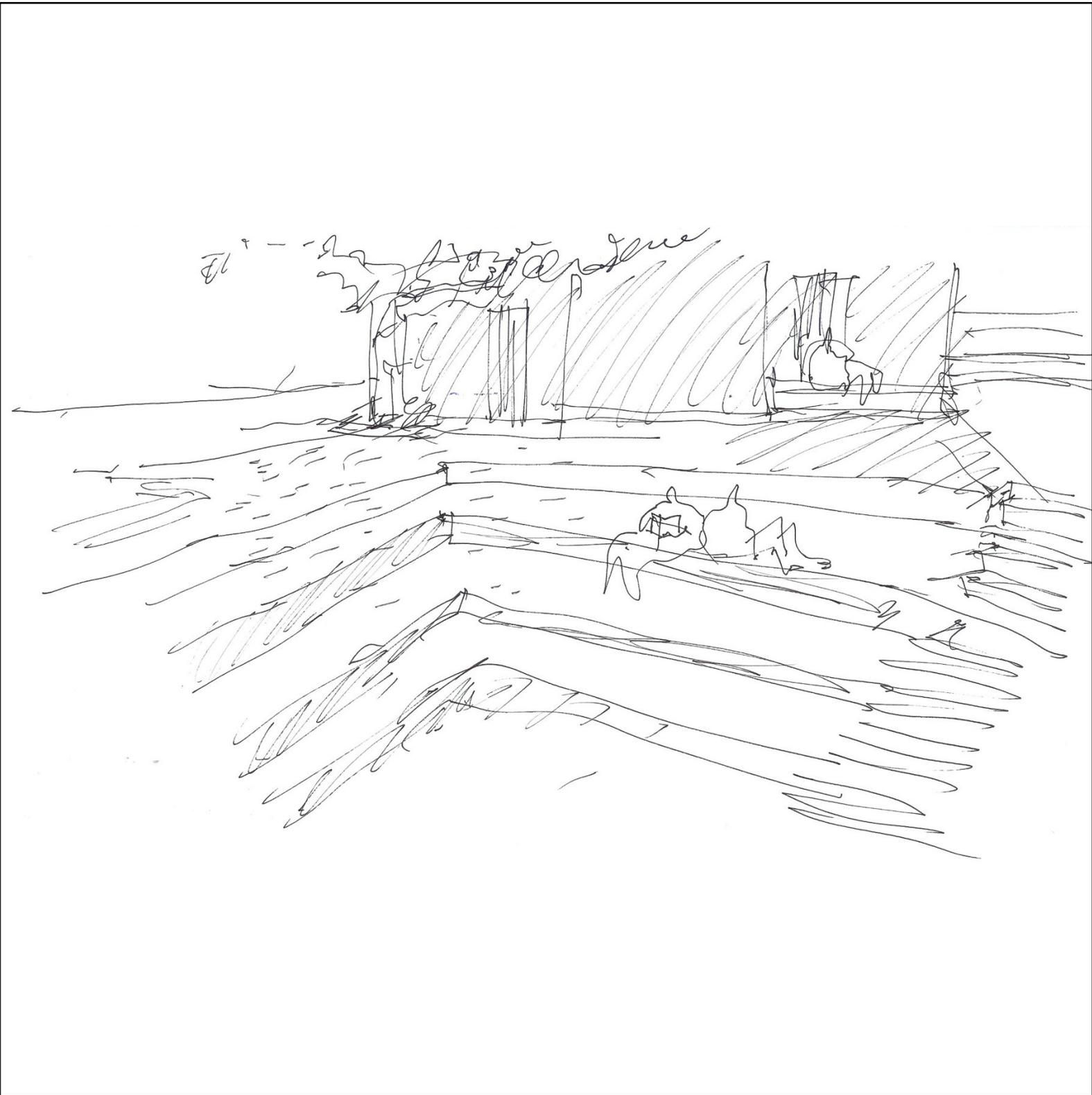




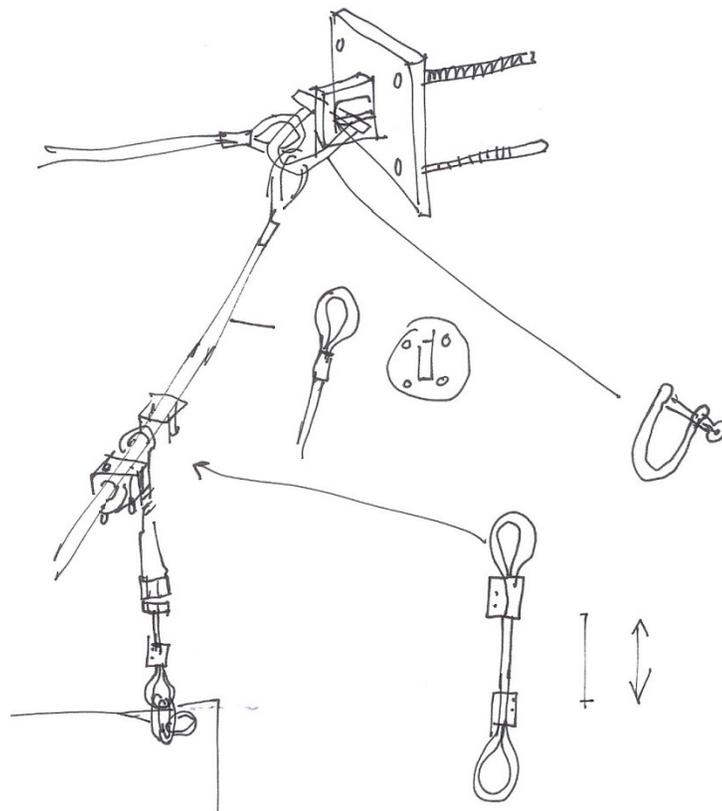
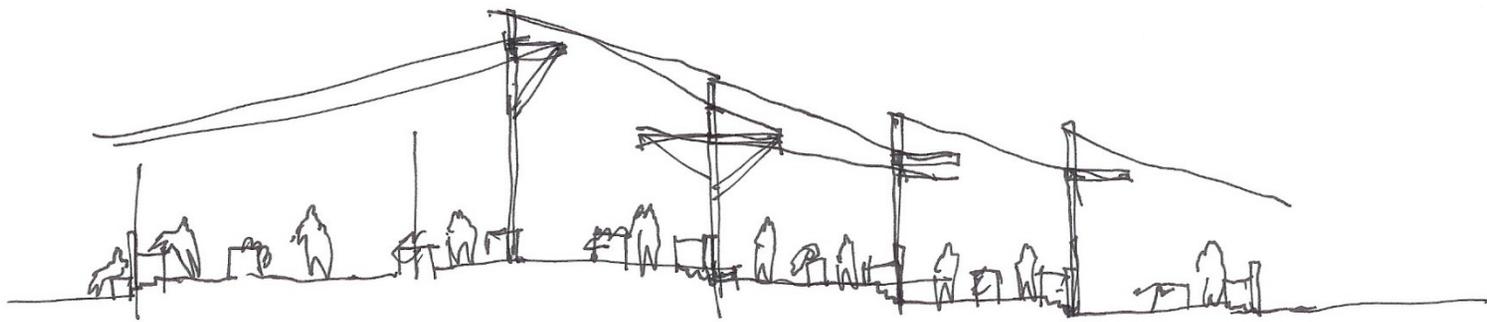




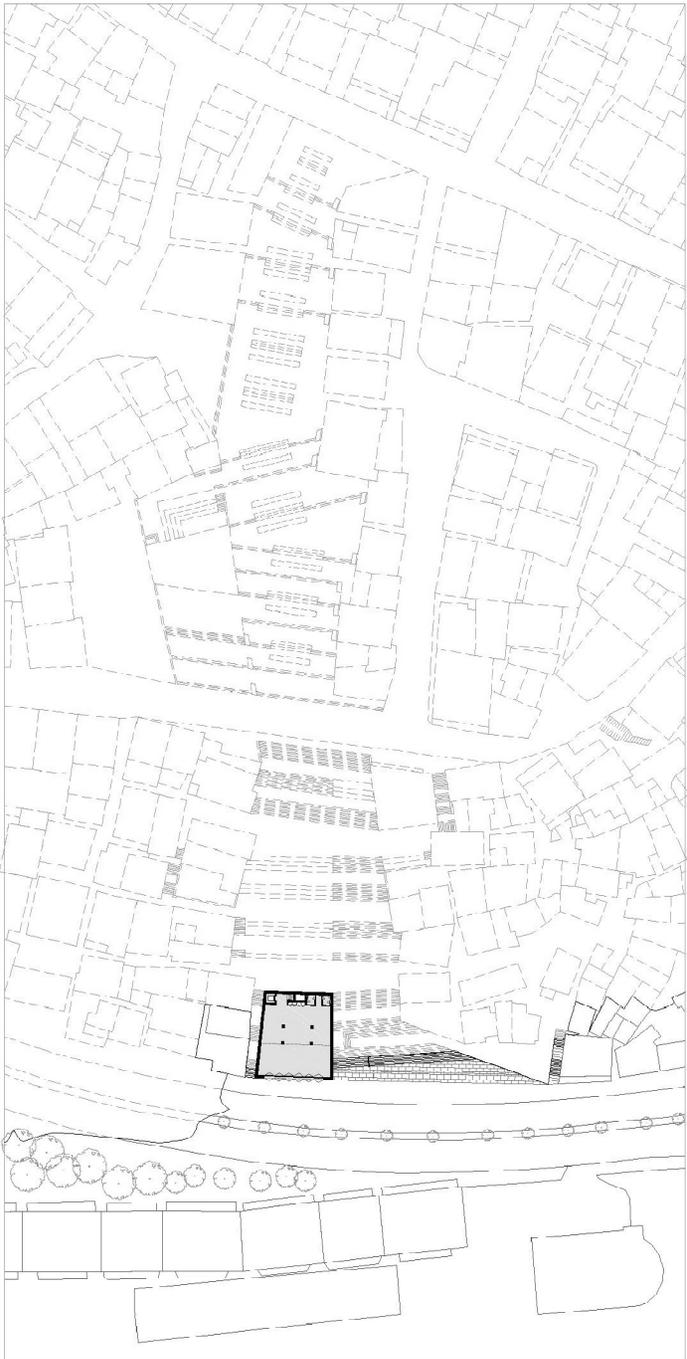


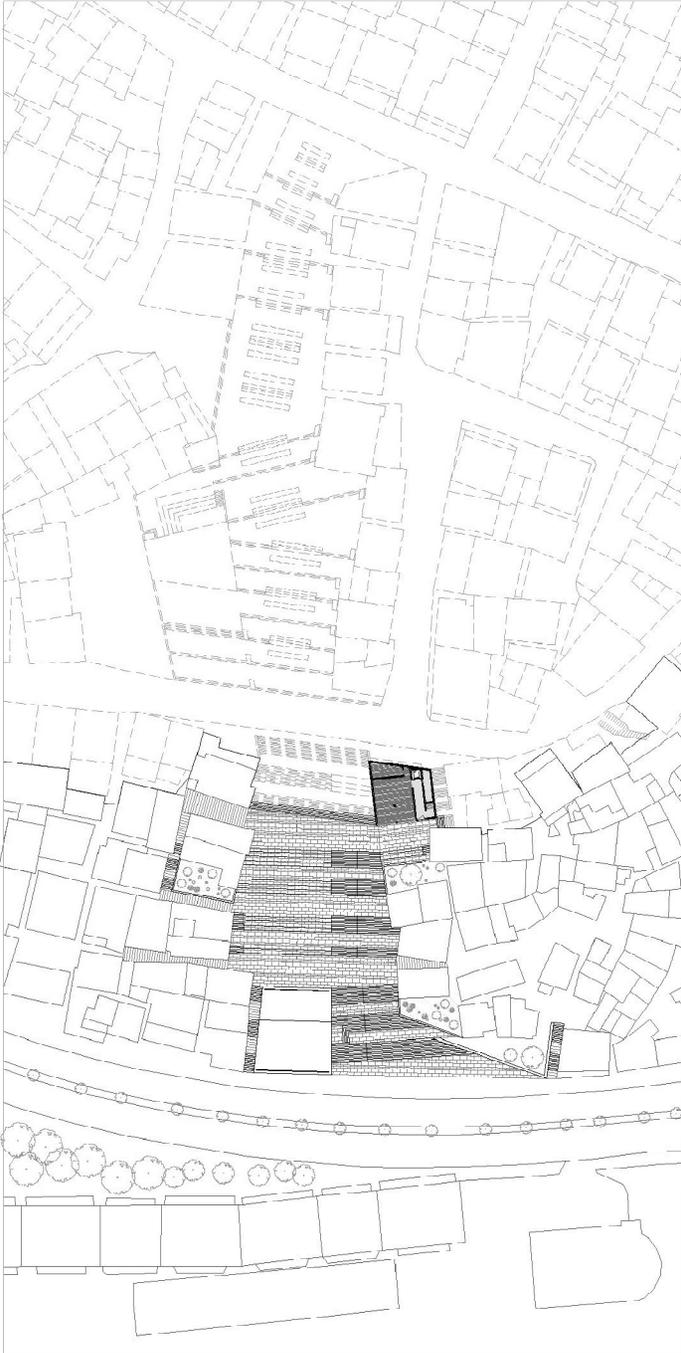


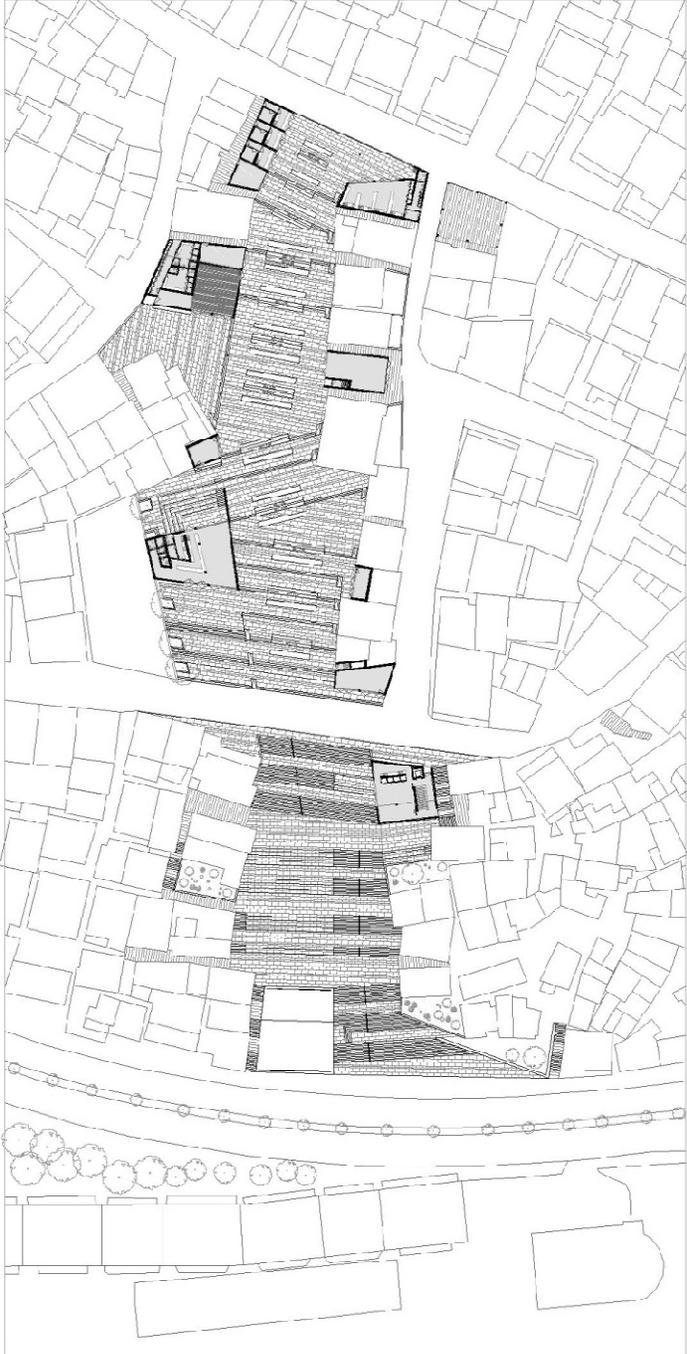


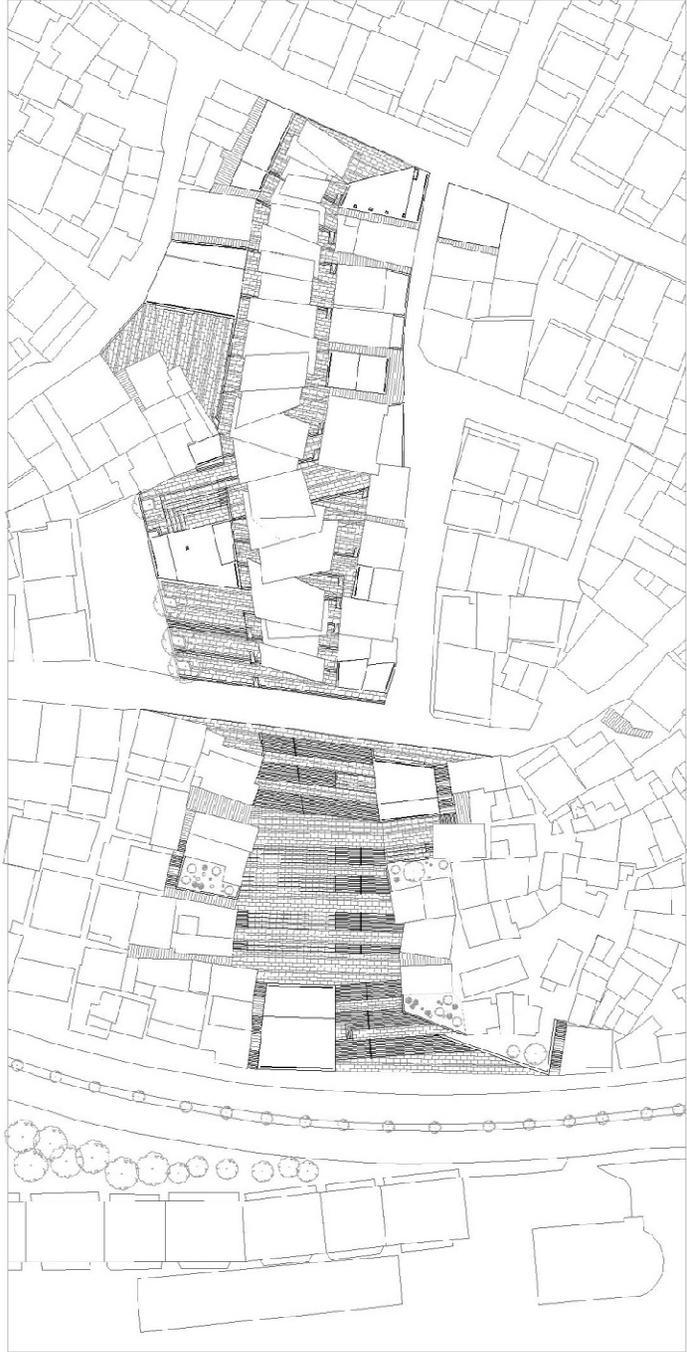


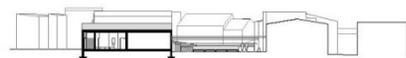
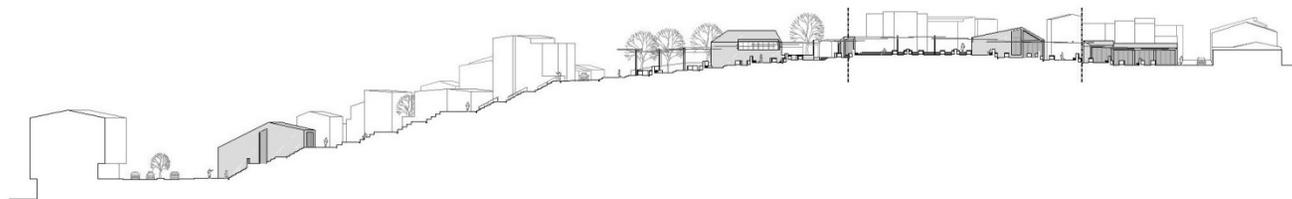
Pormenor construtivo do sistema de coberturas amovíveis











Cortes da proposta de intervenção